

Espiritismo: um fenômeno social e religioso



Marcelo Camurça

Espiritismo. Um “neocristianismo”?

Sandra Stoll

Espiritismo: filosofia, moral,
ciência ou religião?

Luiz Carlos Susin

A evolução como elemento central
do espiritismo

E mais:

>> **Paulo Mors:**
O Universo e seus fractais: a
contribuição de Mandelbrot

>> **Cecília MacDowell:**
“Os direitos humanos são re-
sultado das relações
de poder”

Espiritismo: Um fenômeno social e religioso.

Segundo as estatísticas do último Censo de 2000, o espiritismo figura como a terceira religião brasileira (e o quarto agrupamento em termos de crença) atrás dos católicos com 73,8%, dos evangélicos com 15,45% e dos “sem religião” com 7,3%. Situando-se bem mais abaixo desta faixa mais representativa das adesões religiosas, ele conta com 2,3 milhões de adeptos, representando 1,4% da população. Por outro lado, impressiona a ampla aceitação de filmes, livros e novelas que abordam temas espíritas.

A IHU On-Line desta semana debate este fenômeno social e religioso do cenário brasileiro. Contribuem no debate do tema, o antropólogo **Marcelo Camurça**, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, o professor **Artur Cesar Isaia**, da Universidade Federal de Santa Catarina, a antropóloga **Maria Laura Viveiros de Castro**, professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, **Sandra Stoll**, professora na da Universidade de São Paulo, o teólogo **Luiz Carlos Susin**, professor na PUCRS e o jornalista **André Trigueiro**, professor do curso de Jornalismo Ambiental da PUC-Rio.

Agradecemos a importante contribuição de Faustino Teixeira, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, e sempre grande parceiro do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na inspiração e elaboração da pauta desta edição.

Na edição desta semana publicamos também uma entrevista com professora **Cecília MacDowell**, da Universidade de São Francisco, Califórnia, EUA, sobre os direitos humanos e as relações de poder; e outra entrevista com **Graciela Chamorro** sobre a língua guarani. O físico **Paulo Mors** analisa o legado do matemático polonês Benoit Mandelbrot, falecido no dia 14 de outubro de 2010.

Completa a edição o artigo “Ciência e práticas de pesquisa na contemporaneidade” de **Andres Kalikoske**, mestre e doutorando em Ciências da Comunicação na Unisinos.

A todas e a todos uma ótima leitura, um bom feriado e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley, Cássio de Almeida e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Sandra Stoll: Espiritismo: filosofia, moral, ciência ou religião?

PÁGINA 07 | Artur Cesar Isaia: O espiritismo e as religiões afro

PÁGINA 09 | Marcelo Camurça: Espiritismo. Um “neocristianismo”?

PÁGINA 12 | Maria Laura Viveiros de Castro: “O espiritismo se vê como uma religião cristã”

PÁGINA 14 | André Trigueiro: “Deus não seria justo se condenasse qualquer um de nós a uma pena eterna”

PÁGINA 17 | Luiz Carlos Susin: A evolução como elemento central do espiritismo

B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 21 | Paulo Mors: O Universo e seus fractais: a contribuição de Mandelbrot

» Entrevistas da Semana

PÁGINA 24 | Cecília McDowell: “Os direitos humanos são resultado das relações de poder”

PÁGINA 26 | Graciela Chamorro: Dicionários de Montoya: registros singulares

» Coluna do Cepos

PÁGINA 28 | Andres Kalikoske: Ciência e práticas de pesquisa na contemporaneidade

» Destaques On-Line

PÁGINA 30 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 34 | Débora Bauermann



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Espiritismo: filosofia, moral, ciência ou religião?

Sandra Stoll defende que Chico Xavier representa o ethos católico do espiritismo, que deu identidade à doutrina no Brasil

POR GRAZIELA WOLFART

Ao refletir sobre o sucesso das obras de Chico Xavier, a pesquisadora Sandra Stoll entende que a literatura mediúnica dele inaugura “uma nova forma abordagem de questões existenciais, propiciando, por meio do recurso da identificação emocional, a possibilidade de elaboração de experiências do cotidiano, em especial aquelas de caráter dramático, como a morte”. Na entrevista que concedeu à *IHU On-Line* por e-mail, ela explica que o campo religioso brasileiro já era, no século XIX, rico e diversificado e que “o espiritismo se insere no Brasil num contexto em que já havia uma grande difusão das práticas mediúnicas através das religiões afro-brasileiras e onde a comunicação com os mortos não constituía novidade”.

Sandra Stoll é professora no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná e pesquisadora-associada do Núcleo de Antropologia Urbana - NAU da Universidade de São Paulo. É autora de *Espiritismo à brasileira* (São Paulo: Edusp, 2003). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como definir o ethos religioso do espiritismo?

Sandra Stoll - O ethos de uma doutrina pode ser variável no tempo e no espaço. Depende das condições de apropriação social, ou seja, das condições de inserção ou desenvolvimento de uma dada doutrina num dado contexto histórico, cultural e social. O espiritismo, por exemplo, tal como formulado por Allan Kardec¹, seu idealizador, não se pretendia uma religião. Essa característica se torna a face dominante da doutrina a partir de sua reinterpretação no Brasil, processo que se deu em meio e como decorrência de inúmeras disputas políticas, com a religião dominante, de um lado, e instituições do Estado, como a Justiça e a polícia, cujas práticas persecutórias às atividades mediúnicas, em especial aquelas voltadas à cura, tinham o respaldo de três artigos incluídos no Código Penal de 1890 (que vigorou até 1940). Nesse contexto, é que o espiritismo assume no Brasil um ethos religioso de tipo

católico. Chico Xavier², o mais famoso médium espírita do país, foi o responsável por sua consolidação na medida em que associou sua imagem pública a um modelo de santidade fundado nos principais cânones da vida monástica católica: obediência, pobreza e castidade. O mesmo vale com relação à prática da caridade, incorporada à sua imagem pública como exercício exemplar de santidade: o amor ao próximo é realizado como doação de si.

IHU On-Line - Como entender o sucesso de venda dos livros de Chico Xavier?

Sandra Stoll - A literatura mediúnica de Chico Xavier se popularizou a partir dos anos 1930, quando tem início a fase de produção de romances. Estas obras divulgam temas fundamentais da doutrina, em especial a tese da imor-

talidade da alma, a reencarnação e a evolução espiritual, porém, ao contrário dos livros de Allan Kardec, onde estes temas são abordados de forma impessoal, nos romances é na trama das relações interpessoais, vista da perspectiva subjetiva, que estes temas afloram. É isso que faz com que os temas doutrinários sejam reconhecidos pelo público como algo que lhe diz respeito. A série “André Luiz”, inaugurada com *Nosso Lar* (recentemente adaptado para o cinema), ganha o público na medida em que aproxima o leitor da experiência da vida após a morte, por meio de relatos de experiências também pessoais, como é o caso de “André Luiz”, pseudônimo de um médico famoso do Rio de Janeiro do início do século passado (dizem alguns que ele teria sido Carlos Chagas³). A literatura

³ Carlos Justiniano Ribeiro Chagas (1878-1934): médico sanitarista, cientista e bacteriologista brasileiro, que trabalhou como clínico e pesquisador. Atuante na saúde pública do Brasil, iniciou sua carreira no combate à malária. Destacou-se ao descobrir o protozoário *Trypanosoma cruzi* (cujo nome foi uma homenagem ao seu amigo Oswaldo Cruz) e a tripanossomíase americana, conhecida como doença de Chagas. Ele foi o primeiro e o único cientista na história da medicina a descrever completamente uma doença infecciosa: o patógeno, o vetor (*Triatominae*), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia.

¹ Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869): educador, escritor e tradutor francês. Sob o pseudônimo de Allan Kardec, notabilizou-se como o codificador do Espiritismo (neologismo por ele criado), também denominado de Doutrina Espírita. (Nota da *IHU On-Line*)

² Francisco Cândido Xavier (1910-2002), nascido como Francisco de Paula Cândido Xavier e mais conhecido popularmente por Chico Xavier notabilizou-se como médium e divulgador do Espiritismo no Brasil. O seu nome de batismo Francisco de Paula Cândido, em homenagem ao santo do dia de seu nascimento, foi substituído pelo nome paterno de Francisco Cândido Xavier logo que psicografou os primeiros livros, mudança oficializada em abril de 1966, quando chegou da sua segunda viagem aos Estados Unidos. (Nota da *IHU On-Line*)

mediúnica de Chico Xavier inaugura, portanto, uma nova forma abordagem de questões existenciais, propiciando por meio do recurso da identificação emocional, a possibilidade de elaboração de experiências do cotidiano, em especial aquelas de caráter dramático, como a morte.

IHU On-Line - Quais as características da sociologia e da cultura brasileira que explicam o sucesso da crença espírita no país?

Sandra Stoll - O campo religioso brasileiro já era, no século XIX, rico e diversificado. O espiritismo se insere no Brasil num contexto em que já havia uma grande difusão das práticas mediúnicas através das religiões afro-brasileiras e onde a comunicação com os mortos não constituía novidade. É preciso também lembrar que, na França, a prática mediúnica se restringia com Kardec à investigação “de cunho científico”, enquanto no Brasil, rapidamente o espiritismo se insere no universo das práticas curativas de cunho religioso, primeiramente por meio da prática receitista, desenvolvendo-se mais tarde as chamadas “cirurgias espirituais” que tornaram famosos médiuns como Arigó⁴, e “espíritos médicos-curadores” como Dr. Fritz, Dr. Leocádio, Dr. Bezerra de Menezes⁵, dentre outros.

Foi diversas vezes laureado com prêmios de instituições do mundo inteiro, sendo as principais como membro honorário da Academia Brasileira de Medicina e doutor honoris causa da Universidade de Harvard e Universidade de Paris. Também trabalhou no combate à leptospirose e às doenças venéreas, além de ter sido o segundo diretor do Instituto Oswaldo Cruz. (Nota da IHU On-Line)

4 José Pedro de Freitas (1922-1971) : médium brasileiro. Era conhecido como José Arigó ou simplesmente Zé Arigó. Desenvolveu suas atividades paranormais em Congonhas durante cerca de vinte anos, tornando nacional e internacionalmente conhecidas as cirurgias e curas realizadas por intermédio de sua faculdade mediúnica, pela entidade (espírito) que se denominava como Dr. Fritz, um médico alemão falecido em 1918, durante a Primeira Guerra Mundial. (Nota da IHU On-Line)

5 Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900): médico, militar, escritor, jorna-

“Os neopentecostais disputam clientela com as religiões afro-brasileiras, não com os espíritas kardecistas”

Outro fator que contribuiu para a popularização do espiritismo no Brasil foi o fenômeno da produção de “cartas espirituais”, também chamadas “consoladoras”, fenômeno que fez de Uberaba-MG um centro de peregrinação, atraindo milhares de pessoas em busca de informações sobre seus familiares falecidos. Chico Xavier foi o inaugurador dessa prática no Brasil, cuja continuidade se encontra em mãos de inúmeros outros médiuns espalhados pelo país.

IHU On-Line - Que relação a senhora estabelece entre Chico Xavier e Luiz Antonio Gaspareto em relação ao espiritismo? Que vertentes da doutrina espírita cada um deles incorpora?

Sandra Stoll - Em minha tese de doutorado, publicada sob o título *Espiritismo à brasileira*, essas duas personagens, Chico Xavier e Luiz Antonio Gaspareto⁶, são tomadas como modelos paradigmáticos de interpretação da doutrina no país. Chico Xavier, como dito anteriormente, representa o ethos católico que deu identidade à doutrina no país. Embora esta seja ainda a corrente hegemônica no campo espírita, nas últimas décadas esse modelo vem sendo fortemente criticado, de um lado, pelos grupos alinhados

à doutrina, político e expoente da Doutrina Espírita no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

6 Luiz Antonio Alencastro Gaspareto (1949) : psicólogo de formação, médium psicopictográfico, escritor e locutor brasileiro. Durante quase três anos, foi apresentador de televisão do programa Encontro Marcado da RedeTV!, que propunha ajudar casos comuns em família ou sociedade. (Nota da IHU On-Line)

dos à vertente científicista; de outro, por correntes que, sob a influência da chamada “nova era”, buscam renovar ideias e práticas rituais do espiritismo. Nesse contexto é que a corrente liderada por Luiz Antonio Gaspareto ganha visibilidade social. Crítico de Chico Xavier e de certas “práticas tradicionais” do espiritismo, Luiz Gaspareto investiu numa redefinição ética do espiritismo. Envolvido em práticas de “autoajuda”, agenciadas sob a forma de cursos, palestras e workshops, ele propaga a ética da prosperidade, que, em contraste com o “modelo de virtudes” católico, absorve o ideário da sociedade de consumo.

IHU On-Line - Como o espiritismo se coloca entre o cientificismo da doutrina de Kardec e o catolicismo com seu “discurso das virtudes” e da noção de santidade cristã?

Sandra Stoll - A doutrina espírita, originalmente, foi definida por seu idealizador, Alan Kardec, como sendo, ao mesmo tempo, filosofia, moral e ciência. Apropriada socialmente, a doutrina polarizou-se em torno de duas vertentes: na França, a prática de Kardec privilegiou o cientificismo, enquanto no Brasil, principal foco de sua difusão internacional, assumiu características religiosas.

IHU On-Line - Que consequências as religiões neopentecostais têm provocado para o espiritismo?

Sandra Stoll - Os neopentecostais disputam clientela com as religiões afro-brasileiras, não com os espíritas kardecistas. Portanto, as práticas de intolerância pentecostal têm tido pouco impacto no campo espírita.

LEIA MAIS...

Sobre o espiritismo, leia a entrevista com Faustino Teixeira, intitulada *A presença dos espíritos no imaginário da sociedade brasileira*, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 09-09-2010, disponível em <http://bit.ly/dbmL5D>

www.ihu.unisinos.br

O espiritismo e as religiões afro

Artur Cesar Isaia percebe que, entre o espiritismo e as religiões chamadas afro-brasileiras, existe um parentesco cultural evidente

POR GRAZIELA WOLFART

“Embora os censos demográficos apontem para uma parcela mínima da população como seguidora do espiritismo, a crença em alguns pilares da sua doutrina aparece extremamente difundida no Brasil. A crença nos contatos com os espíritos, na reencarnação é algo que salta aos olhos em fenômeno comprovado pelas pesquisas de opinião”. A afirmação é do professor Artur Cesar Isaia, na entrevista que concedeu à IHU On-Line por e-mail. Por outro lado, continua ele, “a recorrente presença desses temas na mídia, nas telenovelas, principalmente, ajuda a compreender este fenômeno. Isto sem falar no evidente sucesso de bilheteria dos últimos filmes brasileiros que tratam desta temática”. Para Isaia, “no Brasil, principalmente devido às sobrevivências culturais dos africanos de origem banto, generalizou-se a crença e o culto em entidades ancestrais, nos espíritos, o que representa um elo comum entre as religiões afro-brasileiras, principalmente a umbanda e o espiritismo”.

Artur Cesar Isaia é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Desenvolveu estágio de pós-doutoramento na École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Atualmente é professor da Universidade Federal de Santa Catarina, onde é um dos coordenadores do Laboratório de Religiosidade e Cultura - Larc. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República e Teoria e Filosofia da História, pesquisando principalmente os seguintes temas: discurso religioso, catolicismo, espiritismo, umbanda.

É autor do livro *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea* e dos *Cadernos IHU Ideias*, nº 64 intitulado *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo*, disponível para download em <http://bit.ly/d9RIQ3>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que relação pode ser estabelecida entre o espiritismo e as religiões afro-brasileiras?

Artur Cesar Isaia - Entre o espiritismo e as religiões chamadas afro-brasileiras, existe um parentesco cultural evidente, apesar das relações, às vezes tensas, entre o órgão representativo do espiritismo brasileiro (a Federação Espírita Brasileira - FEB) e aquelas religiões. No Brasil, principalmente devido às sobrevivências culturais dos africanos de origem banto¹, generalizou-se a crença e o culto em entidades ancestrais, nos espíritos, o que

¹ Os bantos (grafados ainda bantu) constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsariana que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes. A unidade deste grupo, contudo, aparece de maneira mais clara no âmbito linguístico, uma vez que essas centenas de subgrupos têm como língua materna uma língua da família banta. (Nota da IHU On-Line)

representa um elo comum entre as religiões afro-brasileiras, principalmente a umbanda e o espiritismo. Em relação às manifestações existentes na umbanda, podemos ver nas fontes relativas ao espiritismo que até o primeiro quartel do século XX a FEB as reconhecia como espíritas. Este posicionamento é mudado na década de 1950, quando a FEB tenta demarcar território. A partir desta ocasião, mesmo que continue a reconhecer como espíritas boa parte dos fenômenos da religiosidade afro-brasileira (basicamente as manifestações dos chamados caboclos e pretos velhos), não os reconhece como amparados na doutrina espírita. Já na década de 1970, a FEB avança no sentido de marcar território frente às religiões afro-brasileiras. Passa, então, a reconhecer como espíritas somente

as manifestações de natureza mediúnicamente amparadas na doutrina espírita (vale dizer nas obras de Allan Kardec e na sua interpretação das mesmas). É necessário termos em mente que estas sutilezas de argumentação doutrinária aconteceram ao largo das vivências de boa parte da população brasileira, a qual, espírita, frequentadora das religiões afro-brasileiras ou eventualmente frequentadora de ambas, dificilmente tomou conhecimento ou levou em consideração esses porta-vozes do espiritismo brasileiro.

IHU On-Line - O que podemos entender por “espiritismo de umbanda”?

Artur Cesar Isaia - Esta expressão aparece, sobretudo, em um momento de afirmação da umbanda no campo religioso brasileiro, no qual há uma

necessidade de busca de legitimação. Ora, não podemos esquecer que este momento é ainda fortemente marcado por interditos preconceituosos, em um Brasil em que a abolição da escravidão é um fato recente. Apesar da perseguição oficial se estender também ao espiritismo (vale lembrar a explícita condenação às atividades espíritas no primeiro código penal republicano), este conta com muito mais aceitação por boa parte da elite letrada brasileira. Daí a insistência dos primeiros líderes e intelectuais umbandistas em se dizerem adeptos do “espiritismo de umbanda”. Esta expressão vai deslizar do vocabulário religioso dos primeiros umbandistas para a própria análise sociológica (ela aparece até mesmo na produção de Roger Bastide²).

IHU On-Line - Qual a influência do espiritismo nos processos de posseção das religiões neopentecostais?
Artur Cesar Isaia - Do ponto de vista cultural, é evidente que algumas denominações vão se ancorar em práticas extremamente familiares ao cotidiano e à tessitura valorativa de boa parte da população brasileira. Mesmo com um discurso de satanização do espiritismo, da umbanda e do candomblé (discurso muito semelhante ao católico do período pré-conciliar), o que se vê, na prática, é uma afirmação de valores e crenças pré-existentes, onde o inimigo passa a ser ressignificado e a servir de ponto de referência para o próprio sucesso dessas denominações. Um exemplo claro pode ser apontado na forma de nominar os demônios, em alguns rituais de exorcismo na Igreja Universal do Reino de Deus, onde aqueles aparecem com nomes e *mise-en-scène* típicos das manifestações de caboclos, pretos velhos, exus, principalmente.

² Roger Bastide (1898-1974): sociólogo francês. Em 1938 integrou a missão de professores europeus à recém-criada Universidade de São Paulo, para ocupar a cátedra de sociologia. No Brasil, estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Uma de suas obras mais importantes é *O Candomblé da Bahia*, reeditada em 2001 pela editora Companhia das Letras. Outra obra que merece destaque é *As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*, editada pela EDUSP em 1974. (Nota da IHU On-Line)

“Boa parte dos brasileiros transita, sem problemas de consciência, entre espiritismo, catolicismo, umbanda e demais manifestações afro-brasileiras”

IHU On-Line - Qual o impacto do espiritismo na dinâmica do campo religioso brasileiro?
Artur Cesar Isaia - Embora os sentidos demográficos apontem para uma parcela mínima da população como seguidora do espiritismo, a crença em alguns pilares da sua doutrina aparece extremamente difundida no Brasil. A crença nos contatos com os espíritos, na reencarnação é algo que salta aos olhos em fenômeno comprovado pelas pesquisas de opinião. Por outro lado, a recorrente presença desses temas na mídia, nas telenovelas, principalmente, ajuda a compreender este fenômeno. Isto sem falar no evidente sucesso de bilheteria dos últimos filmes brasileiros que tratam desta temática.

IHU On-Line - Por que o espiritismo era considerado loucura e doença contagiosa na primeira metade do século XX no Brasil?
Artur Cesar Isaia - Em minha opinião, basicamente por duas razões: a primeira prende-se às características da psiquiatria da época, extremamente normativa, refratária a qualquer vivência que não se encaixasse no tipo *standard* de sanidade mental construindo. Como a psiquiatria da época ainda insistia na oposição total entre o racional e o irracional e o critério de sanidade auferia-se pelo predomínio do primeiro, as atividades mediúnicas eram encaradas como uma anormalidade, na qual o mundo subliminar, irracional afirmava-se frente à racionalidade e ao predomínio da vontade individual. A segunda razão, pela extrema fami-

liaridade entre a medicina psiquiátrica e o estado nesta época. Em ambos, vigorava uma posição intervencionista, que pregava o “ajuste” de boa parte da população brasileira aos padrões de sanidade, higiene e laboriosidade, tidos, igualmente, como padrões de normalidade. Daí as campanhas antiespíritas e antialcoólicas, por exemplo, abraçadas por parte da medicina psiquiátrica da época, aparecerem entrelaçadas às atividades do Estado. Posicionamento totalmente diferente tem a medicina psiquiátrica contemporânea em relação a este assunto, em um momento em que o sujeito moderno, racional, cartesiano é relativizado.

IHU On-Line - Quais as principais diferenças em relação aos discursos religiosos espírita, católico e umbandista?
Artur Cesar Isaia - Do ponto de vista das vivências da população brasileira, talvez fosse mais fácil responder quais as semelhanças entre eles, já que boa parte dos brasileiros transita, sem problemas de consciência, entre espiritismo, catolicismo, umbanda e demais manifestações afro-brasileiras. Contudo, do ponto de vista estritamente doutrinário, o que as diferencia basicamente é a crença na reencarnação, assumida tanto pelo espiritismo quanto pela umbanda e que vai de encontro à ideia de salvação pregada pelo catolicismo e a crença nos chamados novíssimos: a morte, o juízo, o paraíso e o inferno.

IHU On-Line - Como o espiritismo se posiciona, em geral, em relação à política?
Artur Cesar Isaia - Essa pergunta é muito difícil de responder, uma vez que depende do ângulo que se está analisando a questão e de qual o “porta voz” autorizado escolhemos para falar em nome do espiritismo. Como no espiritismo não há uma hierarquia e nem uma autoridade central, as federações e associações espíritas não podem ter a palavra final sobre qualquer assunto. Mesmo a FEB teve e tem sua autoridade contestada inúmeras vezes. Um desses momentos foi o da assinatura do chamado Pacto Áureo³, assinado

³ O chamado Pacto Áureo foi um acordo ce-

em 1949 no Rio de Janeiro e que pretendia unificar o posicionamento dos espíritas no Brasil. Este documento foi contestado por alguns líderes espíritas, como Deolindo Amorim⁴ (que, coincidentemente, escreveu sobre as relações entre espiritismo e religiões afro-brasileiras). Portanto, temos que precisar a partir de que fontes, de que universo empírico nos referimos para caracterizar o posicionamento espírita em relação à política. Se utilizarmos como *corpus* documental a obra de codificação espírita, o chamado “Pentateuco” (*O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese*) vamos ver o espiritismo referendando basicamente o mundo sociopolítico pós-revolucionário francês. Quando falamos em mundo pós-revolucionário, falamos da orientação institucional e da realidade sociopolítica que triunfou após 1789. Sendo assim, essas obras (que pertencem à segunda metade do século XIX) referendam em boa parte a conciliação entre os ideais revolucionários de igualdade, fraternidade e liberdade com os interesses da propriedade. Na obra de codificação espírita, vamos encontrar a defesa de um mundo harmônico e tranquilo, onde trabalhadores e patrões deveriam coexistir, onde se defende a legitimidade do salário e da propriedade privada e onde a luta revolucionária de matiz socialista é condenada (embora possamos ver a presença de socialistas utópicos como simpatizantes do espiritismo). Em linhas gerais, o Pentateuco referenda o liberalismo pós-revolucionário, aparecendo a defesa clara da laicidade do Estado, da universalização do ensino, da igualdade entre homens e mulheres e da república.

lebrado entre a Federação Espírita Brasileira (FEB) e representantes de várias Federações e União de âmbito estadual, visando unificar o movimento espírita a nível nacional. Foi assinado na sede FEB, na cidade do Rio de Janeiro, a 5 de outubro de 1949. A expressão é atribuída a Artur Lins de Vasconcelos Lopes, um de seus signatários à época. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Deolindo Amorim (1906-1984): jornalista, escritor e conferencista espírita brasileiro. Colaborou no *Jornal do Commercio* e em praticamente toda a imprensa espírita do país. (Nota da IHU On-Line)

Espiritismo. Um “neocristianismo”?

Na visão de Marcelo Camurça, é sobre a religião cristã pré-existente que o espiritismo vai empreender sua reinterpretação, compreendendo-se como uma revelação que esclarece o cerne da mensagem do Cristo, o que o estágio anterior não era capaz de fazer

POR GRAZIELA WOLFART

“O imaginário espírita-mediúnico da comunicação e a influência (benéfica ou maléfica) dos espíritos dos mortos por sobre a vida cotidiana, a crença na reencarnação e na relação determinante entre um ‘plano espiritual’ e a vida e o destino das pessoas está disseminada na população brasileira, inclusive nos adeptos das religiões majoritárias (em alguns casos em conflito com suas doutrinas) ou em indivíduos que não pertencem a um credo, se dizendo ‘espiritualistas’”. A observação é do antropólogo Marcelo Ayres Camurça, que concedeu por e-mail a entrevista que segue à IHU On-Line. Segundo ele, o imaginário espírita promove um “encantamento do mundo” “onde seres espirituais e planos espirituais convivem e envolvem a dinâmica terrena, para em seguida operar um ‘desencantamento’ ou ‘desobrenaturalização’ desta realidade espiritual, ordenando-a a partir das ‘leis’ e padrões ético-morais, onde um ‘espírito’ é um indivíduo ‘encarnado’ ou ‘desencarnado’ que vive sua existência ora no plano material, ora no plano espiritual em direção ao seu aperfeiçoamento”. E conclui: “onde outras religiões veem fatalidade e mistério, o espiritismo modernamente busca, na sua ontologia, nexos causais, ética e merecimento”.

Marcelo Ayres Camurça é antropólogo e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Atua nas linhas de pesquisa “Campo Religioso Brasileiro” e “Religião e Espaço Público”, onde orienta, pesquisa e publica a respeito do tema do espiritismo na sociedade brasileira. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual o lugar do espiritismo dentro do campo religioso brasileiro hoje?

Marcelo Camurça - Segundo as estatísticas do último Censo de 2000, o espiritismo figura como a terceira religião brasileira (e o quarto agrupamento em termos de crença) atrás dos católicos com 73,8%, dos evangélicos com 15,45% e dos “sem religião” com 7,3%. Situando-se bem mais abaixo desta faixa mais representativa das adesões religiosas, ele conta com 2,3 milhões de adeptos, representando 1,4% da população. No entanto, sua

influência e seu prestígio no universo de crenças e práticas religiosas dos brasileiros ultrapassam de longe sua presença numérica. O imaginário espírita-mediúnico da comunicação e a influência (benéfica ou maléfica) dos espíritos dos mortos por sobre a vida cotidiana, a crença na reencarnação e na relação determinante entre um “plano espiritual” e a vida e o destino das pessoas está disseminada na população brasileira, inclusive nos adeptos das religiões majoritárias (em alguns casos em conflito com suas doutrinas) ou em indivíduos que

não pertencem a um credo, se dizendo “espiritualistas”. A frequência de indivíduos aos centros espíritas, em busca de aconselhamento e tratamento espiritual, ultrapassa em muito o número daqueles que declaram formalmente professar a doutrina espírita.

IHU On-Line - Como o espiritismo se situa dentro da perspectiva de religião e modernidade?

Marcelo Camurça - O espiritismo surge no século XIX em meio a correntes, como os esoterismos e a Teosofia, que buscavam conciliar religiosidade e cientificismo. Visava coletar provas científicas e racionais para a vida além da morte física. Sua cosmologia e sua teodiceia - o sentido da vida, do ser e do sofrimento - estão marcadas pelo evolucionismo científico, o darwinismo, e por “leis deterministas” como a da ação-reação, pelas quais o espírito imperfeito evoluiria para condições morais superiores. É interessante notar como a revelação espírita (segundo a doutrina, a 3ª, depois da mosaica e da crística) é manifestada por um método científico e indutivo. Kardec, o codificador da doutrina (um pedagogo de formação), prepara um questionário de mil e dezoito perguntas aplicadas aos “espíritos” por intermédio de diversos médiuns e através de testes de acerto-erro, de provas e contraprovas, chegando-se às respostas verdadeiras e sábias dos espíritos superiores que vão compor o pilar da doutrina, o *Livro dos Espíritos*. O imaginário espírita promove um “encantamento do mundo” onde seres espirituais e planos espirituais convivem e envolvem a dinâmica terrena, para em seguida operar um “desencantamento” ou “desobrenaturalização” desta realidade espiritual, ordenando-a a partir das “leis” e padrões ético-morais, onde um “espírito” é um indivíduo “encarnado” ou “desencarnado” que vive sua existência ora no plano material, ora no plano espiritual em direção ao seu aperfeiçoamento. Por isso, concordo com Anthony D’Andrea quando classifica o espiritismo como um “reencantamento racionalizado”. O espiritismo traz também outra característica da modernidade, que é a iniciativa do sujeito, o chamado individualismo mo-

“É interessante notar como a revelação espírita é manifestada por um método científico e indutivo”

derno, pois através da noção de livre arbítrio o indivíduo encarnado no seu mundo terreno “de expiação e provas”, apesar do determinismo de sua “programação espiritual”, pode, através de suas ações, retardar ou avançar seu “progresso espiritual”. Enfim, onde outras religiões veem fatalidade e mistério, o espiritismo modernamente busca, na sua ontologia, nexos causais, ética e merecimento.

IHU On-Line - Qual a diferença entre catolicismo e espiritismo quando o assunto é caridade? O que motiva a ação social de católicos e de espíritas?

Marcelo Camurça - A caridade enquanto prática religiosa disseminada pelo catolicismo desde a Idade Média foi assumida como aspecto crucial da doutrina espírita com a consigna criada por Kardec: “fora da caridade não há salvação!” Numa concepção da caridade enquanto desprendimento, doação de si para o outro desvalido, penso haver uma afinidade entre catolicismo e espiritismo, assim como uma distinção em relação à ideia protestante da crítica às “boas obras”, e da necessidade da “justificação pela fé” e do seguimento do “reto caminho” como uma via de salvação mais individualizante. Ainda nesta questão da doação ou autoaperfeiçoamento, no caso do espiritismo, penso haver uma conciliação entre a instância individual de autoaperfeiçoamento e uma relação de doação para com os necessitados, pois, ao praticar a caridade (material ou moral), o espírita, mais que ajudando o outro, está somando bônus para seu próprio processo evolutivo.

IHU On-Line - O que fundamenta o espiritismo como uma religião cristã?

Marcelo Camurça - Essa é uma boa pergunta, que permite dirimir uma

falsa ideia propalada por um certo “senso comum douto” que afasta o espiritismo de uma matriz cristã, apesar dele, à sua maneira, é certo, se reivindicar como tal, tendo inclusive entre suas obras doutrinárias um “Evangelho segundo o Espiritismo”. Esta confusão, penso, deve-se ao fato do espiritismo enquanto “religião mediúnica” ser associado àquelas de matriz africana, ou por ter a ideia da reencarnação de origem hindu-budista entre suas crenças centrais, ou ainda pela acusação vinda da Igreja Católica no século XIX de que a “comunicação com os mortos” era prática de quiromancia, logo contrária à doutrina cristã. No entanto, no que tange à questão ético-moral, a doutrina espírita se baseia totalmente no Evangelho, e seus adeptos possuem uma “cultura do Evangelho” semelhante a dos protestantes, citando passagens e trechos deste nos seus estudos, aconselhamentos espirituais, assim como tomando-os como orientação para sua vida. Para o espiritismo, Jesus Cristo é um “espírito superior”, o “governador” do planeta Terra, responsável pela evolução dos seres que por essa instância passam em direção a outros mundos espirituais mais evoluídos, e muitos dos seus “milagres” teriam uma explicação científica na chave dos padrões energéticos, vibratórios e mediúnicos. Por isso, seguindo a linha de Wulfhorst e Dahmman e seu conceito de “movimentos neorreli-giosos” como de “caráter reinterpretativo, inovador, completivo e atualizante da religião clássica”, classifico o espiritismo como um “Neocristianismo” pela sua capacidade de ressignificar um “veterocristianismo” (católico, ortodoxo, protestante), introduzindo nele conteúdos do léxico cientificista e evolucionista (energias, padrões vibratórios; a “alma” como “perispírito” etc.). É sobre a religião cristã pré-existente que o espiritismo vai empreender sua reinterpretação, compreendendo-se como uma revelação que esclarece o cerne da mensagem do Cristo, o que o estágio anterior não era capaz de fazer. Através desse movimento reinterpretativo, a história sagrada e as figuras santas do catolicismo, como São Luís, Santo Agostinho, etc., ou, no caso do Brasil, o padre Manuel da

Nóbrega, são reapropriados pelo espiritismo como “espíritos mentores” que se manifestam do plano espiritual revelando a cosmologia evolucionista da doutrina espírita.

IHU On-Line - Como entender o dilema entre carma e terapia dentro do espiritismo?

Marcelo Camurça - Esta questão foi desenvolvida de uma forma mais completa por mim num artigo que intitulei *Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao Espiritismo*, onde aponto, dentro das concepções espíritas, uma tensão entre o lugar da doença como questão inexoravelmente moral subordinada à lei de causa-efeito (popularmente conhecida como carma), mas também o papel ativo de uma terapia objetiva no diagnóstico, tratamento e possível cura. Penso que isto se deriva do perfil espírita da “cientificação do espiritual”, calcado em uma articulação bem engendrada entre “progresso moral” (dimensão filosófico-religiosa) e a realidade das “energias, fluidos e faixas vibratórias” (dimensão científica). Ou seja, a dimensão subjetiva, moral e psicológica do indivíduo está intrinsecamente ligada a faixas energéticas e vibratórias. Por isso, em caso de doença, o espiritismo atua nesta questão tanto por passes, tratamentos e operações espirituais, intervindo no fluido espiritual para reequilibrar as energias deste indivíduo, quanto pelo ensinamento moral e o “atendimento fraterno”, conscientizando este indivíduo que sua doença está ligada a sua evolução espiritual resultado de atos praticados em “encarnações” anteriores.

A contradição

Mas o problema é encontrarmos uma contradição (e não articulação) entre estas duas instâncias. E aí vem a pergunta: até que ponto o recurso às curas mediúnicas não comprometeria as responsabilidades ou obrigações no cumprimento das dívidas cármicas? Ou seja, se o carma foi programado espiritualmente, qual a finalidade da cura? Isto pode ser ilustrado por uma anedota que ouvi no meio espírita, que dizia que o polêmico médium Arigó disse a

“Ao praticar a caridade (material ou moral), o espírita, mais que ajudando o outro, está somando bônus para seu próprio processo evolutivo”

Chico Xavier que o seu espírito mentor, o Dr. Fritz, poderia curá-lo de sua doença no olho, ao que Chico respondeu que esta era uma doença cármica, a qual, necessariamente, reapareceria em outro lugar, e que ele já estava acostumado com ela e não ia querer uma doença nova. Acho que neste dilema explica-se a clivagem que sempre dividiu o movimento espírita entre aqueles chamados “científicos”, que atuariam em experimentos paracientíficos do inefável, buscando alargar a ciência materialista para uma ciência espiritual, no caso uma “medicina da alma” e aqueles chamados “religiosos”, que, através de uma hermenêutica do Evangelho e da codificação kardequiana, explicariam o infortúnio dos indivíduos e os exortariam à conduta moral elevada e à prática do bem como instrumento de evolução espiritual.

IHU On-Line - Quais as principais reflexões que podemos fazer ao contrapor os conceitos de ressurreição católica e reencarnação espírita?

Marcelo Camurça - Considero que as concepções da ressurreição católica e da reencarnação espírita estão balizadas pelas noções de Graça - a primeira - e Evolução - a segunda. Neste sentido, a configuração católica se expressa no que chamo de “religião de salvação”, regida pelo primado da “graça” e “misericórdia divina” como esferas constitutivas do processo de “salvação” do homem. A configuração espírita, por sua vez, se expressa no que denomino de “religião de aperfeiçoamento”, onde prevalece a iniciativa do ser em sucessiva evolução e autoaprendizado na direção da plena realização no

“amor de Deus”. Embora ambas as configurações contemplem na sua cosmologia teleológica as dimensões do “amor e da misericórdia” do Criador na remissão e no resgate de suas criaturas, aliada à liberdade de escolha entre o bem e o mal, a configuração da “salvação” enfatiza a iniciativa divina na redenção da falibilidade dos seres e a do “aperfeiçoamento” acentua a iniciativa dos seres, balizada pela lei de Deus, no seu processo de caminho de integração no divino. Portanto, as duas formas ou instrumentais com que as realidades humanas “agarram” o sentido último (o modelo da “salvação” e da “evolução”) diferem entre si enquanto modalidades, manifestações de se acercar do transcendente, cada uma com suas argumentações, coerência interna e questões de plausibilidade. Na modalidade católica temos um percurso salvífico condensado e na espírita, dilatado, que, a despeito de suas diferenças profundas no terreno das coerências e plausibilidades (e seria ingenuidade passar por cima destas diferenças, que merecem, ao invés disto, serem tomadas para um plano de diálogo), desembocam na mesma “realidade última”.

IHU On-Line - Qual a influência do espiritismo para as religiões e doutrinas da chamada nova era?

Marcelo Camurça - Espiritismo e nova era possuem a mesma referência histórica de origem, marcados pela onda do “novo espiritualismo” do fim do século XIX, onde proliferaram também a Teosofia¹, os ocultismos e a Rosa Cruz². Enquanto religiosidades com grande penetração nas camadas letradas da

1 A Teosofia é um corpo de conhecimento que sintetiza Filosofia, Religião e Ciência. Tanto hoje como na antiguidade, a Teosofia se constitui na sabedoria universal e eterna presente nas grandes religiões, filosofias e nas principais ciências da humanidade, e pode ser encontrada na raiz ou origem, em maior ou menor grau, dos diversos sistemas de crenças ao longo da história. (Nota da IHU On-Line)

2 A Ordem Rosacruz é uma ordem que foi publicamente conhecida no século XVII através de três manifestos e insere-se na tradição esotérica ocidental. Esta ordem hermética é vista por muitos Rosacruzcianistas antigos e modernos como um “Colégio de Invisíveis” nos mundos internos, formado por grandes Adeptos, com o intuito de prestar auxílio à evolução espiritual da humanidade. (Nota da IHU On-Line)

“Espiritismo e nova era possuem a mesma referência histórica de origem”

população, a nova era recebe do espiritismo a postura de racionalizar a magia, assim como o caráter individualista moderno da noção de livre arbítrio, que na nova era é exponenciado ao milésimo grau de autonomia, onde não existe nenhuma amarra para a criatividade individual. Como demonstra seu lema: *no blame, no shame!*³. No espiritismo as restrições ético-morais da doutrina codificada impõem limites às demandas por sucesso e fruição que são vinculadas, na nova era, às possibilidades ilimitadas do poder da mente e não, como na doutrina espírita, ao grau de merecimento subordinado às exigências de evolução moral. Na medida em que se expande, o espiritismo sofre um processo de fragmentação, liberando dos seus efetivos grupos sincrético-esotéricos, grupos paracientíficos, etc. Na verdade, cresce numa franja do espiritismo um número de simpaticizantes de práticas *new age*: uso de cristais, tarô, reiki, etc., o que levou Anthony D’Andrea a ver um processo de “novaerização” do espiritismo ou de “pós-espiritismo”. A mediunidade é reinterpretada como *channeling* (canalização), comunicação com o plano espiritual, mas também com universos intergalácticos, o carma é atenuado como influência tendencial, a razão é substituída pela intuição. Para determinadas camadas dos extratos médios brasileiros, o espiritismo não responde mais às suas demandas existenciais, onde o “interior” do indivíduo se transforma no *locus* supremo da verdade, alcançado pela meditação, técnicas de introspecção, bebidas sagradas, etc. A forte aderência do espiritismo à sua doutrina codificada implica numa falta de flexibilidade quanto às demandas diversificadas por novidades espirituais/existenciais destes grupos.

³ Em tradução livre ao português: “sem culpa, sem vergonha!”. (Nota da IHU On-Line)

“O espiritismo se vê como uma religião cristã”

Maria Laura Viveiros de Castro identifica que o espiritismo é um elemento importante no sincretismo brasileiro e pode ser visto como uma religião mediadora entre o catolicismo e a umbanda

POR GRAZIELA WOLFART

Na opinião da antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro, o espiritismo é ainda pouco estudado diante da importância de sua presença na nossa sociedade. “Trata-se de uma religião discreta, não proselitista, mas muito marcante na sociedade brasileira, até por conta de sua proximidade, ou melhor, fluência de fronteiras, entre muitos ambientes católicos e mesmo umbandistas”. Na entrevista que aceitou conceder por e-mail para a IHU On-Line, ela defende que a relevância da noção de livre-arbítrio nessa religião, a valorização do estudo, as características muito próprias da experiência da mediunidade, tornam o espiritismo “uma religião capaz de produzir valores próprios e dar sentido à experiência de amplos segmentos das camadas urbanas no Brasil”. E acrescenta: “para os espíritas, todos somos médiuns. Porque somos humanos e humanos são, por definição, espíritos encarnados que se comunicam querendo ou não, sabendo ou não, aceitando ou não, com os espíritos desencarnados. A mediunidade ocorre assim no cotidiano, em todos os ambientes para os espíritas porque esse mundo terreno em que vivemos é apenas o mundo visível, englobado sempre pelo mundo invisível com o qual se comunica todo o tempo, seja pela mediunidade, seja pelas encarnações e desencarnações. Tornar-se espírita é, de certa forma, aceitar esses primados e praticar as diferentes formas da comunicação mediúnica dentro de uma rede de relações espírita e articulada através dos centros e lares espíritas”.

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti é professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Participa da coordenação do Laboratório de Análise Simbólica e coordena o Núcleo de Estudos Ritual, Etnografia e Sociabilidades Urbanas. Licenciada em História pela PUC-Rio, é mestre e doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ. É autora de, entre outros, *O mundo invisível. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo* (Rio de Janeiro: Zahar, 1983). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a relação da doutrina espírita com a produção de experiências e valores próprios?

Maria Laura Viveiros de Castro - Meu livro foi escrito no começo dos anos

1980. Até então, o espiritismo era enfocado, sobretudo, como um dos contribuintes para o sincretismo brasileiro do catolicismo e das religiões da tradição afro-brasileira. Creio que

minha pesquisa foi a primeira a defender a ideia de que o espiritismo kardecista era uma religião por si mesma e que estudou a sua cosmologia e seu sistema ritual característicos. É verdade que o espiritismo é um elemento importante no sincretismo brasileiro e pode ser mesmo visto como uma religião mediadora entre o catolicismo e a umbanda em especial. Mas é importante também perceber que é um sistema religioso, internamente articulado e bastante consistente e complexo do ponto de vista simbólico. A relevância da noção de livre-arbítrio nessa religião, a valorização do estudo, as características muito próprias da experiência da mediunidade, tudo isso torna o espiritismo uma religião capaz de produzir valores próprios e dar sentido à experiência de amplos segmentos das camadas urbanas no Brasil.

IHU On-Line - Como a senhora define as noções chaves da cosmologia espírita - evolução, carma e reencarnação?

Maria Laura Viveiros de Castro - Eu estudei em profundidade no meu livro (*O mundo invisível*). Essas noções são os pilares da visão de mundo espírita na perspectiva de uma temporalidade diacrônica, ou seja, se pensarmos o mundo como um devir, um processo que caminha no tempo no qual os espíritos existem. No caso do espiritismo, esse caminho no tempo, rege a vida dos espíritos que é vista, através das sucessivas encarnações, como um progresso numa evolução linear e sempre do mais imperfeito e incompleto rumo ao mais perfeito, superior e completo. O carma integra esse conjunto, trazendo a marca das formas da atuação de um espírito por essa trajetória cósmica em outras encarnações para cada nova encarnação. É um sistema de pensamento complexo, pois, se o carma é uma forma do determinismo, a cada nova encarnação o espírito ao reencarnar poderá também exercer novamente seu livre-arbítrio que assim iria também evoluindo e tornando-se mais forte.

IHU On-Line - Qual a importância, dentro do espiritismo, da questão do estudo?

“O incentivo à leitura, às indagações, à curiosidade e mesmo à imaginação torna o espiritismo uma religião muito atraente para as camadas médias urbanas”

Maria Laura Viveiros de Castro - O espiritismo é uma religião letrada que tem a escrita e a leitura como atividades centrais. Tanto a escrita mediúnica, a psicografia, como a escrita propriamente humana tem espaço importante nessa prática religiosa e o estudo é muito valorizado por conta da relevância do valor do livre-arbítrio e da responsabilidade individual. As sessões de estudo integram, assim, a prática ritual do espiritismo como um todo. E o incentivo à leitura, às indagações, à curiosidade e mesmo à imaginação torna o espiritismo uma religião muito atraente para as camadas médias urbanas.

IHU On-Line - Como podemos entender a perspectiva da caridade dentro da doutrina espírita?

Maria Laura Viveiros de Castro - Junto com a mediunidade e com o estudo, a caridade é o outro componente característico do sistema ritual espírita. Ela aproxima todos os espíritos encarnados pela ideia da imperfeição - somos sempre os rotos ajudando os esfarrapados, me dizia uma das minhas interlocutoras durante uma das pesquisas que realizei. Toda caridade tem, contudo, um elemento hierárquico; quem ajuda é, de alguma forma, superior a quem é ajudado. Isso porque a ideia da evolução perpassa tudo na doutrina espírita e há sempre superiores e inferiores se encontrando numa mesma encarnação ao longo da trajetória cósmica de cada um. Isso não quer dizer que a prática concreta da caridade não possa ser muito efetiva do ponto de vista social. É também uma doação de si do ponto de vista de quem ajuda.

IHU On-Line - Como se dá o processo da descoberta da mediunidade? Quais as características de um médium?

Maria Laura Viveiros de Castro - Para os espíritas, todos somos médiuns. Porque somos humanos e humanos são, por definição, espíritos encarnados que se comunicam querendo ou não, sabendo ou não, aceitando ou não, com os espíritos desencarnados. A mediunidade ocorre assim no cotidiano, em todos os ambientes para os espíritas porque esse mundo terreno em que vivemos é apenas o mundo visível, englobado sempre pelo mundo invisível com o qual se comunica todo o tempo, seja pela mediunidade, seja pelas encarnações e desencarnações. Tornar-se espírita é, de certa forma, aceitar esses primados e praticar as diferentes formas da comunicação mediúnica dentro de uma rede de relações espírita e articulada através dos centros e lares espíritas.

IHU On-Line - Como compreender a dinâmica de relacionamento entre os homens e os espíritos a partir da discussão da noção da pessoa nessa religião?

Maria Laura Viveiros de Castro - A pergunta é chave. A noção da pessoa é um conceito central na antropologia e estabelece uma base comparativa ampla para a antropologia das religiões. Escrevi mais recentemente um artigo *Vida e Morte no espiritismo kardecista* que enfocou bem essa questão. Para exemplificar brevemente: No eixo diacrônico que considera toda a evolução cósmica de um espírito através das suas sucessivas encarnações, nesta minha encarnação agora eu sou apenas um “eu menor”, pois o meu “eu maior” é essa outra identidade mais ampla. Há assim, dentro de cada espírito individual, uma heterogeneidade interna, pois sempre somos mais do que podemos saber e conhecer nesta vida. No eixo sincrônico que considera a comunicação desse eu menor com os outros espíritos desencarnados nesta encarnação de agora, eu nunca estou segura de que uma ideia, pensamento ou mesmo atitude seja exatamente minha, ou seja, influenciada pela comunicação espiritual. Esses “não eu”, que são os outros espíritos, de algu-

“O espiritismo é uma religião letrada que tem a escrita e a leitura como atividades centrais”

ma forma, participam então decisivamente do meu “eu” ao longo da minha vida. A noção da pessoa é aqui fundamentalmente relacional, incompleta, processual. É um ponto bastante interessante.

IHU On-Line - Que visão antropológica podemos estabelecer do espiritismo?

Maria Laura Viveiros de Castro - O espiritismo é ainda pouco estudado diante da importância de sua presença na nossa sociedade. Trata-se de uma religião discreta, não proselitista, mas muito marcante na sociedade brasileira, até por conta de sua proximidade, ou melhor, fluência de fronteiras, entre muitos ambientes católicos e mesmo umbandistas.

IHU On-Line - Em que sentido o espiritismo pode ser apontado como um elemento de mediação entre a tradição católica e as religiões afro-brasileiras?

Maria Laura Viveiros de Castro - Voltando a esse ponto, algumas ideias católicas, como as de santidade, podem ser aproximadas do universo espírita, também a de purgatório me parece muito próxima dos diferentes mundos invisíveis habitados e povoados por nossos seres queridos que já se foram e com quem podemos, no espiritismo, a continuar a nos comunicar. É importante lembrar que o espiritismo se vê como uma religião cristã. Com relação às tradições afro-brasileiras, a experiência da mediunidade, isto é, da comunicação com seres espirituais, é o elemento central de conexão. Muito embora no espiritismo a ideia da posse não seja valorizada como forma de comunicação espiritual, por conta do valor livre-arbítrio, a posse no espiritismo ganha a forma da obsessão e é uma forma negativa da experiência da mediunidade.

“Deus não seria justo se condenasse qualquer um de nós a uma pena eterna”

O jornalista ambiental André Trigueiro relaciona ecologia e espiritismo e, na condição de espírita kardecista, considera que uma vida é muito pouco para termos a ciência de toda a complexidade que envolve as nossas decisões

POR GRAZIELA WOLFART

“**D**o ponto de vista espírita, somos aprendizes. O planeta no movimento espírita é muito comparado a uma escola onde estamos aprendendo a viver, o que é a vida, de onde viemos e para onde vamos. Estamos sendo instigados a nos conhecer. Temos o que fazer aqui, não viemos a passeio, temos um trabalho a realizar, todos nós, sem exceção. E certamente um desses trabalhos é cuidar bem da nossa casa planetária, porque ela reclama ajuda”. A reflexão é do jornalista André Trigueiro que, por telefone, concedeu a entrevista que segue à **IHU On-Line**. Na sua visão, o excesso é imoral, principalmente onde há escassez. “Se vivemos num mundo onde há tantas pessoas privadas do necessário, acumular a ponto de gerar desperdício ou excesso é algo complicado do ponto de vista espiritual”.

André Trigueiro é jornalista, pós-graduado em Gestão Ambiental pela CO- OPE/UFRJ e professor do curso de Jornalismo Ambiental da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Na Globo News, apresenta o programa “Cidades e soluções”, tratando da questão do meio ambiente. É autor de *Mundo sustentável* (São Paulo: Globo, 2005) e *Espiritismo e Ecologia* (2ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010), entre outros. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre espiritismo e ecologia?

André Trigueiro - Basicamente são duas ferramentas de percepção da realidade que têm muita semelhança na forma como descrevem o universo sistêmico, que poderia ser descrito como o conjunto de fenômenos interligados, interdependentes, que integram o tempo todo. Existem certos textos que se encontram nas obras básicas do espiritismo, por exemplo, no livro *A Gênese*, de Allan Kardec, em que encontramos formas de explicar a realidade que nos cerca, e que tem muita identificação com as ciências ecológicas. Cito aqui um trecho: “Assim, tudo no universo se

liga, tudo se encadeia, tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei de unidade”. Ou outro trecho: “De sorte que as nebulosas reagem sobre os nebulosos, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros e assim sucessivamente até o átomo”. São explicações que aparecem no livro que é considerado uma das obras básicas do espiritismo, *A Gênese*, e que também são plenos de significado para ecologistas. Além disso, vamos perceber que ecologistas e espíritas têm uma preocupação em relação à poluição. Os ecologistas denunciam a poluição visível, material, das águas, do solo,

da terra, do ar, o lixo espacial, no campo micro ou macroscópico. Identifica-se, cataloga e eventualmente se alerta para o risco de certos poluentes que são lançados na natureza e como isso ameaça nossa saúde, nossa qualidade de vida, nossa resiliência¹. Os espíritas, por sua vez, atentos ao que ocorre numa outra dimensão, chamada plano astral ou campo sutil, entendem que o pensamento é energia que se projeta com direção, tem forma, tem textura, cor e interfere no que chamam de psicoesfera. É um campo eletromagnético que nos cerca e que guarda informações importantes sobre nosso estado psíquico, emocional, bem como a soma das experiências que nós já realizamos e o estado fisiológico do momento. Do ponto de vista espírita, pensar e sentir determinam a qualidade da psicoesfera. Sentimentos e pensamentos negativos tornam a psicoesfera desagradável e não raro mesmo quem não seja espírita e quem não se entenda como médium, percebe no ambiente doméstico, de trabalho, a irradiação de certas pessoas mais ou menos aprazíveis, interessantes. É algo difícil de explicar, mas fácil de sentir. E isso guarda uma relação de diagnóstico da saúde do ambiente em que estamos inseridos. O ecologista está prestando atenção nos poluentes mensuráveis do plano material. Os espíritas estão atentos ao que se passa no campo sutil, que poderia ser chamado de uma outra dimensão, que interage com a nossa e cuja qualidade dessa psicoesfera determina também a qualidade de vida da gente.

O consumismo

Existem outros aspectos de espíritas e ecologistas que denunciam com muita propriedade os riscos do consumismo. Os ecologistas entendem que no planeta, que é um só, onde os recursos são finitos, o modelo de desenvolvimento que exaure, devasta, destrói esses recursos, não favorece a vida. E os espíritas, por sua vez, denunciam o apego à matéria. Como

¹ Sobre o tema da resiliência leia a IHU On-Line número 241, de 29-10-2007, intitulada *Resiliência. Elo e sentido*, disponível para download em <http://bit.ly/9mCeq2> (Nota da IHU On-Line)

**“Nossos ancestrais
padeceram muito. De
alguma forma eles
transmitiram para nós
uma tese, o sentimento
inato de que precisamos
ter mais do que o
necessário porque o dia
de amanhã ninguém
sabe. Isso é muito forte
na espécie humana”**

qualquer outra tradição espiritualista ou religiosa, os espíritas também procuram advertir para os riscos de nos identificarmos tanto com a matéria a ponto de desperdiçarmos uma existência confundindo o que deveria ser entendido como prioridade, que é aquilo que não é perecível, que não é descartável, mas o que é perene, é imortal, com algo que é muito caro à sociedade de consumo, que é a coleção de objetos, de materiais, que na verdade, quando falamos de consumismo estamos aludindo a desperdício e ao excesso. O desperdício é imoral. Não é preciso falar de espiritismo nem de religião para considerar qualquer gênero de desperdício imoral. É o mau uso dos recursos. E o excesso também é imoral onde há escassez. Se vivemos num mundo onde há tantas pessoas privadas do necessário, acumular a ponto de gerar desperdício ou excesso é algo complicado do ponto de vista espiritual. Inclusive há uma mensagem que aparece na resposta à pergunta 705 do *Livro dos Espíritos*, que é outra obra referencial na doutrina, em que a mensagem publicada dá conta de que a terra ofereceria ao homem sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem se contentar. Isso guarda muitas semelhanças também com o pensamento do Mahatma Gandhi, que disse que a terra possui o

suficiente para satisfazer a necessidade de todos os homens, mas não a ganância de todos eles. Em linhas gerais, essas são as questões que me chamam mais a atenção.

IHU On-Line - Como entender, a partir da doutrina espírita, que o ser humano nunca se contenta com os recursos que a natureza pode lhe oferecer?

André Trigueiro - Na verdade é um aprendizado, não podemos nos sentir culpados por isso. Existem algumas teses antropológicas que dão conta de que, em boa parte da nossa jornada existencial no planeta, desde o advento do *homo sapiens*, há aproximadamente 500 mil anos, tivemos momentos de muitas dificuldades em relação a predadores, a um mundo hostil, pouco tempo de vida em função de condições tecnológicas e científicas muito rudimentares. Éramos muito vulneráveis às intempéries da natureza e isso nos marcou profundamente. Nós mais vivemos momentos na terra privados do necessário do que se beneficiando, como agora, nos últimos 200 anos, das benesses de um mundo onde temos penicilina, antibiótico, redução da fome. Nossos ancestrais padeceram muito. De alguma forma eles transmitiram para nós uma tese, o sentimento inato de que precisamos ter mais do que o necessário porque o dia de amanhã ninguém sabe. Isso é muito forte na espécie humana. Só que no século XXI estamos sendo chacoalhados por outros valores, que são os valores da sustentabilidade. Não adianta ter como princípio a acumulação, porque isso está determinando o risco de um colapso planetário. Poucos têm muito e a maioria não tem o necessário. Precisamos entender como deve ser um novo projeto de civilização, onde o consumismo não teria lugar. Do ponto de vista espírita, somos aprendizes. O planeta no movimento espírita é muito comparado a uma escola onde estamos aprendendo a viver, o que é a vida, de onde viemos e para onde vamos. Estamos sendo instigados a nos conhecer. Temos o que fazer aqui, não viemos a passeio, temos um trabalho a realizar, todos nós, sem exceção. E certamente um desses trabalhos é cuidar bem da

nossa casa planetária, porque ela reclama ajuda.

IHU On-Line - Em que sentido o consumismo e o materialismo se tornam obstáculos ao projeto evolutivo dos espíritos?

André Trigueiro - Para os espíritos, existem diferentes mundos habitados. Quando Jesus disse “no reino de meu Pai há muitas moradas”, o entendimento que o espírita faz desta passagem do Evangelho é que existe um número sem fim de mundos habitados em diferentes níveis evolutivos. Também de acordo com a doutrina espírita, a terra seria denominada um mundo de provas e expiações. Estamos numa situação que ainda carece de muitos cuidados e atenções. Há um mundo ainda mais primitivo, mais atrasado que o de provas e expiações, que é um mundo onde a característica primordial de seus habitantes é o apego à matéria. Em certa medida, do ponto de vista evolutivo, nós já atravessamos o momento em que o apego à matéria era absoluto. Ser consumista ou ter um estilo de vida consumista, em certa medida, talvez signifiquem uma dificuldade de avançarmos na jornada revalidando a matéria. Não é que ela não seja importante. Ela não pode ser tão importante quanto nós costumamos valorar. Ela tem uma importância relativa, mas não é o que acontece na sociedade de consumo, onde os bens materiais são a própria razão de ser da vida. Escolhemos a profissão em função do salário, e precisamos ter um bom salário para possuir tudo o que imaginamos ser necessário para nos afirmarmos como pessoa bem sucedida, feliz e realizada. E essa é uma armadilha existencial, porque se consome muito tempo e energia com esses brinquedinhos. Eles são perecíveis, não fazem diferença dentro daquilo que deveríamos de fato estar acumulando, que é conhecimento, sabedoria, aprimoramento das nossas virtudes, aquilo que nos faz sentir mais leves, felizes, com a consciência tranquila. Então, quando falamos de espiritualidade no sentido mais pleno, o materialismo ou o desejo de colecionar objetos representa um risco, na medida em que nos distrai, nos dispersa, desvia nossa atenção e

“Ser consumista ou ter um estilo de vida consumista, em certa medida, talvez signifiquem uma dificuldade de avançarmos na jornada revalidando a matéria”

requer um alto consumo de tempo e energia para a realização de sonhos de consumo, que são bolhas de sabão.

IHU On-Line - Como você responde à crítica de que a teoria da reencarnação seria determinista, no sentido de que nascemos já com uma alma com características prontas?

André Trigueiro - A reencarnação não é exclusividade da doutrina espírita. Os budistas, por exemplo, são reencarnacionistas e há outras correntes místicas, religiosas e espirituais que preconizam a reencarnação. Do ponto de vista espírita, essa crítica que você menciona na pergunta não é cabível, porque existe aí um *mix* de possibilidades em cada existência. Existe, sim, determinismo em certo sentido. Do ponto de vista da doutrina espírita, a pessoa não é filha do seu pai e da sua mãe por acaso. Da mesma forma, os laços consanguíneos da sua família não seriam estabelecidos por sorte ou azar, ou, como diria Albert Einstein², “Deus não joga dados”. Há fatores determinados. Há maior propensão à saúde ou à doença, à maior facilidade de acesso a escolas boas, saúde boa, comida e casa boa, formação educacional. Existem elementos que já aparecem configurados no ato do seu nascimento. Entretanto, na doutrina espírita, falamos muito de livre arbítrio. Dentro do palco da vida, onde o determinismo estabeleceu uma moldura, uma linha imaginária, que determina “aqui você

² Albert Einstein (1879-1955) : físico teórico alemão radicado nos Estados Unidos. 100 físicos renomados o elegeram, em 2009, o mais memorável físico de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

faz o que quiser, mas aqui, nesse espaço-tempo”, o livre arbítrio é soberano. O que você determina é algo que faz parte da aventura existencial. Temos direito de escolha, podemos dizer sim ou não, seguir em frente ou estacionar e isso é algo muito caro à doutrina espírita. Evolução é mérito, não acontece por decurso de prazo, sem esforço, sem trabalho. Evolução é algo pessoal e intransferível. Não se pode evoluir por ninguém. Isso é o livre arbítrio que conduz a pessoa: o que quer ser quando crescer, o que quer comer, para onde quer viajar, com quem quer se casar, quantos filhos deseja ter, são escolhas soberanas de cada um.

IHU On-Line - Como a doutrina espírita trabalha com a questão do suicídio?

André Trigueiro - Todas as grandes religiões do ocidente e do oriente reconhecem que o suicídio é um equívoco por ir contra as leis de Deus ou de uma força cósmica superior. Portanto, dentro da doutrina espírita, há uma infinidade de dados, detalhes, relatos, de quem fez a passagem, de quem se encontra hoje no mundo espiritual vivo, afirmando que o suicídio não interrompe a vida, apenas a existência corporal. E há uma frustração, um arrependimento, uma tristeza enorme, porque vida é prova escolhida. Vivemos o que precisamos viver para cumprir mais uma jornada evolutiva, em um passo que se dá na direção de um projeto. Para os espíritos, cada encarnação é precedida de um planejamento, em que muitas pessoas participam ativamente. É quase um projeto coletivo. A Igreja Católica fala em anjo da guarda e no movimento espírita falamos de guias e mentores. São pessoas que guardam laços de amizade ou de parentesco. Há uma vinculação muito grande com pessoas que nos protegem do outro lado da existência e que ficam também muito frustradas com essa decisão que o livre arbítrio, por ser soberano, avaliza. Ou seja, se o livre arbítrio é soberano, mesmo o suicídio, que vai contra o que se convencionou chamar de leis de Deus, é possível de ser feito. O espírita não acredita em penas eternas. O suicídio é um erro, um equívoco, pois aborta um planejamento, sobrevém o

arrependimento, e esse sofrimento se potencializa por razões físicas, porque somos dotados de um fluido vital, como se fosse nossa bateria, que nos municia de energia vinculando a alma ao corpo. Quando o corpo subitamente tem a vida interrompida, o estoque de fluido vital que deveria animar esse corpo durante mais algum tempo determina que a alma tenha as sensações do corpo se decompondo. Temos um problema aí. Não é que Deus castiga. O suicida, quando determina o autoextermínio, a autodestruição, padece os efeitos de uma situação criada a partir da impossibilidade de se livrar do corpo tão facilmente quando ele imaginava. Ele terá a oportunidade de se restabelecer e, pela crença dos espíritos, retornar para vivenciar mais uma existência. Provavelmente vivenciará uma situação de estresse, de pressão ou de desalento em que ele se depare novamente com uma situação aflitiva em que terá a oportunidade novamente de escolher entre seguir em frente ou não. Portanto, as oportunidades se renovam e nos parece que Deus não seria justo se condenasse qualquer um de nós a uma pena eterna. Uma vida é muito pouco para termos a ciência de toda a complexidade que envolve as nossas decisões. Uma vida passa rápido, a gente não consegue aprender todos os idiomas, não consegue ler todos os livros, ver todos os filmes, conhecer todos os lugares, aprender todos os instrumentos musicais e fazer tudo o que desejamos. Portanto, nos parece muito interessante a perspectiva da reencarnação também permitindo que eventuais erros cometidos possam ser lá na frente reparados.

LEIA MAIS...

>> André Trigueiro já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

* *O mundo não depende de um acordo da ONU para mudar, porque a mudança está em curso.* Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 03-01-2010, disponível em <http://bit.ly/9wgBdr>;

* *Fontes sujas compõem a matriz energética brasileira.* Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 05-12-2007, disponível em <http://bit.ly/av1wMr>;

* *O mundo começa a partir da casa da gente.* Entrevista publicada na revista *IHU On-Line* número 346, de 04-10-2010, disponível em <http://bit.ly/9gHIXC>.

A evolução como elemento central do espiritismo

Na visão de Luiz Carlos Susin, algumas teses centrais do espiritismo são uma releitura de crenças pré-cristãs, muito arcaicas na área indo-europeia de cultura religiosa, como a crença nas reencarnações

POR GRAZIELA WOLFART

“Há uma assimilação, um certo sincretismo, entre elementos modernos, elementos cristãos e elementos pré-cristãos”, afirma o professor Luiz Carlos Susin, na entrevista que concedeu por e-mail à *IHU On-Line*. Ao relacionar a teoria da reencarnação com a teoria da ressurreição, Susin defende que “ambas afirmam que esta vida presente não é tudo e que a morte não é o fim de tudo. Mas a semelhança termina nisso, embora seja um ponto inicial muito importante”. E explica: “a reencarnação supõe a teoria do carma, do autoaperfeiçoamento, mas também da independência entre espírito e corpo, de caráter dualista. A ressurreição, ao contrário, não é dada por mérito, mas por graça, é iniciativa divina, fidelidade no processo criador de Deus, e supõe uma antropologia que tem na corporeidade o eixo da condição humana”.

Luiz Carlos Susin é frei capuchinho, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Itália. Leciona na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - Estef, em Porto Alegre. É autor de inúmeras obras, dentre as quais citamos *Teologia para outro mundo possível* (Paulinas, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Considerando que a doutrina espírita tem muitos elementos cristãos, que relação podemos estabelecer entre o cristianismo e o espiritismo?

Luiz Carlos Susin - De fato, há muitos elementos em comum. No entanto, algumas teses centrais do espiritismo são uma releitura de crenças pré-cristãs, muito arcaicas na área indo-europeia de cultura religiosa, como a crença nas reencarnações. É necessário levar em conta a história das origens do espiritismo moderno. O seu fundador, Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, foi um filósofo e educador formado numa corrente pedagógica chamada “Escola de Pestalozzi”. Ele

foi aluno de Pestalozzi¹ e escreveu sobre educação para a autonomia dos indivíduos mediante o exercício da razão. A razão e a ciência seriam sua bandeira também para incentivar a espiritualidade num tempo em que a ciência parecia derivar para o materialismo. O século XIX, seu século de vida, foi marcado pelo otimismo na área das ciências influenciadas pela teoria do evolucionismo e na área da técnica que criou o “mito do progresso”. Por isso, a ideia de “evolução” e de progresso humano e espiritual marcou para sempre as crenças espíritas. Mas tudo isso se dá em um ambiente cristão, onde a pessoa de

¹ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827): pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional. (Nota da *IHU On-Line*)

Jesus e os evangelhos, mesmo na luta contra o autoritarismo da Igreja, continuam sendo referência fundamental. Há, pois, uma assimilação, um certo sincretismo, entre elementos modernos, elementos cristãos e elementos pré-cristãos.

IHU On-Line - Como podemos relacionar a teoria da reencarnação com a teoria da ressurreição?

Luiz Carlos Susin - Ambas afirmam que esta vida presente não é tudo e que a morte não é o fim de tudo. Mas a semelhança termina nisso, embora seja um ponto inicial muito importante. A reencarnação supõe a teoria do carma, do autoaperfeiçoamento, mas também da independência entre espírito e corpo, de caráter dualista. A ressurreição, ao contrário, não é dada por mérito, mas por graça, é iniciativa divina, fidelidade no processo criador de Deus, e supõe uma antropologia que tem na corporeidade o eixo da condição humana. Por isso a ressurreição significa que o mais importante não é a imortalidade da alma - seria muito pouco ou praticamente nada, porque seria a "imortalidade daquilo que não foi vivido", segundo uma expressão do grande teólogo evangélico Jürgen Moltmann. É que nossas experiências humanas são vividas na carne, no corpo, na fragilidade, e é esta realidade frágil e efêmera, a nossa vida real, de carne e osso, que clama por salvação. Portanto, a ressurreição é uma forma de crer na unidade inseparável de corpo e espírito em que "a alma é a vida do corpo", parafraseando Aristóteles e Tomás de Aquino: "a alma é a forma do corpo". A ressurreição é a transfiguração da condição corporal do ser humano cuja alma é a sua relação com o seu Criador e Salvador.

IHU On-Line - A teoria da reencarnação não pode ser considerada determinista, no sentido de que nascemos já com uma alma com características prontas?

Luiz Carlos Susin - A teoria completa não é propriamente determinista, mas leva em conta doses de determinações, justamente o que acontece com as leis do "carma". Pode-se definir o carma como "causa" ou como "ação causal", ou sim-

“A ideia de ‘evolução’ e de progresso humano e espiritual marcou para sempre as crenças espíritas”

plesmente "ação" no sentido pleno da palavra: toda ação tem efeitos, é causa de algo. Esses efeitos podem ser passageiros, dispersos, mas há sempre uma camada mais profunda de efeito que se torna mais "estável", que ganha determinação, torna-se uma realidade solidificada. Nisso consiste a formação de um carma. Costumo comparar, em termos de experiência, ao efeito de uma ofensa grave, que se torna uma mágoa persistente, como se fosse um punho fechado no fundo do peito, aparentemente mais forte do que a vontade de superar ou de esquecer. Mas toda ascese, toda disciplina, nesse caso, é agir para desfazer a dureza e os efeitos do carma através de ações contrárias, boas. Os orientais diriam que se pode e se deve seguir o caminho do "dharma" cumprindo os ensinamentos. A bondade, a caridade, etc. abrem espaço de superação e criam liberdade em relação ao determinismo criado pelo carma. Mas isso pode durar muitas vidas, segundo a crença reencarnacionista. Uma única vida não daria conta do que já somos ao nascer e nem do que somos ao morrer. A evolução até ser um "espírito de luz" exigiria, então, com toda coerência doutrinária, sucessivas reencarnações.

IHU On-Line - Por que o senhor acredita que a falta de uma antropologia bíblica no espiritismo seja algo que faz uma grande diferença em relação ao cristianismo?

Luiz Carlos Susin - O próprio cristianismo, ao adotar a linguagem e a razão gregas, obscureceu a antropologia, a experiência humana, que está na base do Novo Testamento. O fundador do espiritismo conheceu um cristianismo do século XIX, que não via com realismo a carne humana como expressão de nossa fragilidade corporal a clamar pela salvação gratuita e fiel do Cria-

dor. O cristianismo do século XIX estava envolvido com a ressurreição apenas como um exemplo ou uma forma de afirmar a imortalidade e dava ênfase na imortalidade e na salvação da alma, já que o corpo apenas embarcaria de carona no final dos tempos. Além disso, o cristianismo também estava atolado na meritocracia da salvação: portanto, de certa forma, a salvação dependeria de nossos méritos, sendo Deus apenas um juiz que sentenciaria se nós nos salvamos ou nos perdemos por nossos méritos, por nossas ações. Nisso, infelizmente, houve muito em comum e marcou também o espiritismo. É o que nós chamamos de "dualismo", de tradição mais grega do que bíblica. Há um esforço, por parte da teologia cristã, no século XX, de retorno à antropologia bíblica, ou seja, semítica de origem. Mas não teve ainda a repercussão e as consequências necessárias. E o espiritismo, a meu ver, está fixado nesse dualismo que, a partir da física quântica, ganhou novas versões, mais suavizadas, mas continua persistindo.

IHU On-Line - Que semelhanças podem ser apontadas nas práticas de caridade espírita e católica, por exemplo?

Luiz Carlos Susin - Em ambas pode-se praticar a caridade por interesse próprio, para garantir méritos e ganhar o céu, ou para garantir a evolução do espírito e merecer uma reencarnação ou um plano superior de vida. O interesse egocêntrico pode se instalar até inadvertidamente no fundo de ações generosas, sejamos cristãos ou espíritas ou de qualquer outra tradição religiosa. O "mercado" de ações, a bolsa de valores, da área religiosa está muito presente no atual neopentecostalismo de forma tão descarada que dinheiro virou sacramento e sucesso mundano virou bênção. A imagem de Deus que está atrás disso é uma blasfêmia e um insulto ao evangelho. Mas, em situações mais normais, quando se pratica o bem, a misericórdia e o amor ao próximo, não se pode medir o quanto há de interesse em ganhar algo em retribuição ou o quanto há de real gratuidade a fundo perdido, como ensinam os evangelhos. Objetivamente, no entanto, é realmente perigoso

ter uma mentalidade de “causa e efeito”, sobretudo na área ética, porque não só o bem é facilmente manipulado pelo interesse, mas a doença ou a deficiência, ou a pobreza, começam a ser vistas como viciadas os opositores de Jesus: como uma culpa, efeito de um ato mau em algum momento desta ou de outras vidas. Como os opositores de Jesus não acreditavam em reencarnações, atribuíam um problema de nascimento, como o caso do cego de nascença, a uma culpa dos antepassados. Isso é objetivamente injusto.

IHU On-Line - Qual a importância da evolução espiritual individual pregada pela doutrina espírita? Como conceituar, sob o viés da cosmovisão espírita, os conceitos de bem, justiça e caridade?

Luiz Carlos Susin - A palavra “evolução”, tomada do fascínio que ela exercia no século XIX, é central para o espiritismo. Trata-se de uma via democrática e individual, uma experiência condizente com a modernidade. Mas os laços de solidariedade e de comunidade ficam garantidos pela necessidade de justiça e de caridade para esta evolução. Ninguém evolui sozinho. Em contraste com a teoria arcaica de reencarnação, que pode ainda ser constatada entre os hindus, na evolução não se regride, há um otimismo próprio do século XIX. O século XX foi marcado pelas grandes guerras, pelo Holocausto, pelo pessimismo em relação a uma tremenda regressão ou involução humana, e não sustenta mais todo aquele otimismo em que nasceu o espiritismo. O conceito de justiça, seguindo a lei do carma, é fortemente calcado na “equidade”, ou seja, na igualdade e proporção entre a causa e o efeito, entre o que se faz e o que se paga ou se merece. Não há - e isto é o lado mais problemático para a sensibilidade evangélica - nada de perdão: o que aqui se faz, aqui se paga. No per-

“A ressurreição é a transfiguração da condição corporal do ser humano cuja alma é a sua relação com o seu Criador e Salvador”

dão há uma experiência de gratuidade, de graça absolutamente imerecida, sem lógica de causa e efeito. Pelo contrário, o perdão é a graça que rompe a cadeia cármica de causa e efeito. É uma nova criação *ex nihilo*, do nada. É um ato de liberdade que desarranja a lógica de merecimentos. Há espíritas que argumentam que nisso está o relaxamento do esforço por merecer e por evoluir. Mas há parábolas de Jesus que mostram o seguinte: quem experimentou realmente o perdão torna-se ainda mais generoso em perdoar e em agir bem por pura graça.

IHU On-Line - Para os católicos, praticar o bem não é condição para a salvação da alma?

Luiz Carlos Susin - Pode-se dizer ainda com mais ênfase o contrário: praticar o mal é causa de perdição da própria vida, é aumentar a dor e o extravio ainda nesta vida, nem precisa morrer para sentir isso. Mas a prática do bem, na prioridade da pura graça e do dom generoso de Deus, que faz chover também na roça dos maus, não é uma condição, algo prévio à salvação. É uma consequência da experiência de estarmos confiantes na salvação já dada em abundância. O bem que praticamos não é para ganhar algo, é para difundir o que já ganhamos.

IHU On-Line - Que comparação podemos estabelecer entre a “lei do car-

ma” e a constatação e a expressão de São Paulo na carta aos romanos, “corpo de pecado”, do qual ele diz que é Cristo que o liberta, não as suas obras?

Luiz Carlos Susin - De fato, Paulo examina as contradições de sua vida na prática da lei e da moral: vê o bem e quer praticá-lo, mas acaba praticando o mal que não quer, como se nele houvesse duas vontades, uma luta com a resistência de seus “membros”, um corpo que não obedece a sua melhor vontade. Nesse corpo, nós podemos ver algo da doutrina do carma: um velho corpo habituado de tal forma a práticas viciadas que resiste ao bem. Paulo não vê a solução em algumas centenas ou milhares de reencarnações para finalmente se libertar deste peso em seu corpo: Cristo já é sua liberdade, de tal forma que, mesmo sentindo os “espinhos da carne”, seus condicionamentos ruins ou suas imaturidades resistentes - diríamos hoje com a psicologia - Paulo já celebra sua salvação pelo amor de Cristo. Por isso, pode praticar o bem não tanto porque se pensa bom, mas “apesar” de suas experiências de ser ainda mau. Esta é, apesar de tudo o que há de mal em nós, a liberdade dos filhos e filhas de Deus.

LEIA MAIS...

>> Luiz Carlos Susin já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.

* *Uma Igreja tradicionalista nunca será criativa.* Publicada na IHU On-Line número 320, de 21-12-2009, disponível em <http://bit.ly/dh8nGG>;

* *A mudança de eixo da humanidade. O III Fórum Mundial Teologia e Libertação.* Publicada em 28-1-2009 e disponível no link <http://bit.ly/bXectO>;

* *Teologia da Libertação após Aparecida volta ao fundamento?* Publicada em 8-6-2008 e disponível no link <http://bit.ly/c4BgsK>;

* *Segundo Fórum Mundial de Teologia e Libertação.* Entrevista publicada em 9-2-2007 e disponível em <http://bit.ly/ajdpn5>;

* *Jon Sobrino e a Notificação do Vaticano.* Depoimento de Luiz Carlos Susin, publicado em 15-03-2007 e disponível em <http://bit.ly/99X1N1>.

Cobertura das eleições presidenciais no sítio do IHU

www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Memória

O Universo e seus fractais: a contribuição de Mandelbrot

Importantes para compreender inúmeros fenômenos do Universo, os fractais estão em todos os lugares do nosso cotidiano. As descobertas de Benoît Mandelbrot, considerado o pai da teoria dos fractais, são importantes não apenas para a matemática, mas também para as ciências sociais

POR MÁRCIA JUNGES

“Os fractais estão por toda parte. Seu estudo é muito importante para melhor compreender as funções matemáticas que apresentam um perfil serrilhado, como o da costa de um país. São funções representadas por gráficos com perfil fractal”. A explicação é do físico Paulo Mors, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Figuras geométricas complexas cuja característica fundamental é a autossimilaridade, os fractais estão presentes em praticamente todos os ramos do conhecimento. “O próprio Universo tem essa característica: a distribuição de galáxias é fractal, possuindo espaços vazios de todos os tamanhos”, assinala Mors. De acordo com ele, esse tipo de geometria tem grande impacto na aplicação de outras ciências, além da matemática, “desde meados do século passado”, graças aos estudos empreendidos pelo matemático polonês Benoît Mandelbrot, falecido em 14-10-2010.

Graduado, mestre e doutor em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde leciona no Instituto de Física, Paulo Mors é pós-doutor pela Universidade de Paris XI. Escreveu a tese *Estudo do Hamiltoniano de Hubbard e de sistemas de valência intermediária na Rede de Bethe*. É um dos autores de *Física geral universitária: mecânica* (Porto Alegre: Instituto de Física UFRGS, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que são fractais?

Paulo Mors - Os fractais são figuras geométricas complexas que apresentam como característica principal a autossimilaridade. Digo figuras complexas porque a autossimilaridade também é característica de figuras não fractais, nesse caso chamadas de figuras compactas. Um quadrado é uma figura compacta autossimilar: se recortarmos um pequeno quadrado de dentro de um quadrado maior, teremos uma figura similar, igualmente um quadrado. A diferença está na escala. Mas o quadrado é uma figura geométrica simples, tratada na geometria euclidiana. Já os fractais são objetos mais complexos, rugosos, apresentando uma autossimilaridade mais rica. Um exemplo clássico é o da costa do litoral de um país. Vista de um avião que

sobrevoa, a costa se apresenta como uma linha recortada, cheia de saliências e reentrâncias, de quebradas. Se o avião voar mais baixo, passaremos a perceber quebradas antes não percebidas, ou seja, aquele perfil recortado se repete, em todas as escalas. É por isso que uma medida aerofotogramétrica do comprimento de uma costa, entre dois pontos determinados, dependerá da altura de onde as fotografias forem tiradas. Quanto mais alto estiver o avião que fotografa o acidente geográfico, mais detalhes topográficos deixarão de ser percebidos. Dizemos que a medida do comprimento de uma curva fractal depende do tamanho da “régua” utilizada. A medida do lado de um quadrado não depende do tamanho da régua utilizada.

Já no caso de um fractal, quan-

to maior a régua (quanto mais alto o avião, no exemplo citado), mais recortes deixarão de ser medidos. Em outras palavras, um objeto fractal apresenta rugosidades em todas as escalas. Uma medida quantitativa da fractalidade de um objeto é a chamada dimensão fractal. Um segmento de reta tem dimensão euclidiana igual a um; um quadrado é de dimensão dois, um cubo tem dimensão três. Esses são objetos compactos. Já a linha da costa de um país terá uma dimensão fractal maior do que um (caso de uma curva suave) e menor do que dois (caso de um objeto que ocupa continuamente toda uma região de um espaço plano). Quanto mais próxima de dois for a dimensão fractal da costa, mais acidentada ela será. Assim, a dimensão fractal de um objeto fractal é diferente

de sua dimensão euclidiana. Imagine um queijo da colônia. Ele é um objeto bem compacto: sua dimensão fractal coincide com a euclidiana, que é três. Imagine, agora, um grande pedaço de queijo suíço, com buracos de todos os tamanhos. Esse é um objeto fractal: sua dimensão fractal é maior do que dois e menor do que três. Quanto mais esburacado, mais próxima de dois será sua dimensão fractal. Claro, temos que distinguir os fractais matemáticos dos fractais reais. Posso imaginar um queijo suíço de tamanho infinito, que tenha buracos de todos os tamanhos. Esse é um fractal matemático, ideal. O queijo suíço que eu compro no mercado é um fractal real.

IHU On-Line - Por que é importante estudá-los?

Paulo Mors - Os fractais estão por toda parte. Seu estudo é muito importante para melhor compreender as funções matemáticas que apresentam um perfil serrilhado, como o da costa de um país. São funções representadas por gráficos com perfil fractal. Em linguagem matemática, dizemos que essas funções fractais têm a característica de serem contínuas sem apresentarem derivada em nenhum ponto. Isto é, o perfil dessas funções resiste a qualquer definição de tangente: em nenhum ponto do perfil de uma função fractal eu posso traçar uma tangente à curva. Funções desse tipo aparecem, hoje, em vários ramos do conhecimento, além da matemática: na física, na biologia, em economia, etc. Além disso, objetos fractais também estão presentes em nosso dia a dia. Coloides e aerossóis, por exemplo, muitas vezes se agregam de forma fractal. Até tumores podem crescer desenvolvendo formato fractal.

IHU On-Line - Qual é a contribuição fundamental de Mandelbrot ao desenvolvimento dessa ciência? O que a descoberta dessa geometria não euclidiana representa para a Física e a compreensão de fenômenos do Universo?

Paulo Mors - O pioneiro no estudo dos fractais, o criador dessa nova geometria, foi o matemático polonês de origem francesa Benoît Mandelbrot,

falecido no último 14 de outubro, aos 85 anos de idade. A maior parte de seu trabalho foi desenvolvida nos Estados Unidos, como pesquisador da IBM. O impacto de seu trabalho em aplicações de outras ciências, além da matemática, tem sido dos mais expressivos, desde meados do século passado. Como matemático, ele começou estudando as funções fractais, unificando e aplicando muitos trabalhos antigos sobre funções especiais não deriváveis em nenhum ponto, e introduzindo a geometria fractal. Logo ficou evidente que essas figuras complexas estão presentes em quase todos os ramos do conhecimento. Até a Antropologia já tem se valido de conceitos da geometria fractal para algumas de suas interpretações das relações humanas. Na Física, em particular, a invariância ante mudanças de escala é o reflexo de uma simetria, e os físicos sempre associam uma simetria a uma lei de conservação, refletindo alguma quantidade que se conserva, no sistema objeto de estudo, ao longo do tempo.

IHU On-Line - Poderia mencionar alguns exemplos de fractais que existem na natureza?

Paulo Mors - Além dos já citados, podemos ainda mencionar um exemplo clássico sempre lembrado pelos estudiosos: a couve-flor. Se você arranca um pedaço de couve-flor, esse pedaço terá o mesmo formato da couve-flor original, de onde foi retirado. Suas rugosidades se repetem em todas as escalas. Falando de outra forma: a fotografia de uma parte de uma couve-flor não lhe permite perceber se aquilo é a maior parte da couve-flor ou a imagem de uma pequena parte do vegetal. A silhueta das árvores, o horizonte montanhoso, a superfície de um coral, o sistema de canais em rochas porosas, o caminho descrito por uma partícula em movimento browniano, um floco de neve, uma descarga elétrica, são exemplos de fractais, dentro de uma faixa razoável de escalas. O próprio Universo tem essa característica: a distribuição de galáxias é fractal, possuindo espaços vazios de todos os tamanhos.

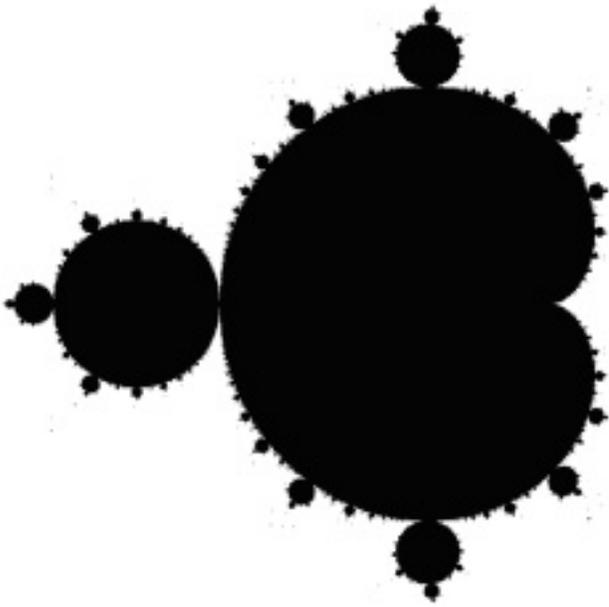
IHU On-Line - O que é o conjunto de

Mandelbrot?

Paulo Mors - O conjunto de Mandelbrot é um conjunto de pontos no plano complexo cuja borda constitui-se em um fractal. Para entender essa frase, comecemos com um exemplo simples. Imagine que você tenha descoberto um investimento fantástico, que, para cada valor em reais aplicado, retorna, depois de certo tempo, o quadrado desse valor mais um valor constante. Por exemplo, se esse valor constante for de R\$1,00, então, ao aplicar um real, você terá um retorno de $1^2+1 = 2$ reais. Se, agora, você reaplicar o retorno, obterá um valor de $2^2+1 = 5$ reais. Prosseguindo, você poderá aumentar seu investimento inicial para $5^2+1 = 26$ reais, $26^2+1 = 677$ reais, e assim sucessivamente. Este é um exemplo de um processo iterativo: cada valor obtido é novamente submetido à regra estabelecida, para se obter um novo valor. Nesse exemplo, se você dispuser do tempo necessário, acabará lucrando qualquer valor que pretender.

Passemos desse exemplo fantasioso para um exercício de matemática financeiramente menos lucrativo. Agora, em vez de reais, o valor a ser “aplicado” é um número complexo. Um número complexo é do tipo $z = a + ib$, onde a e b são números reais e i é o chamado imaginário puro. O número i é tal que o seu quadrado é igual a menos um: $i^2 = -1$. Os números complexos podem ser representados em um plano, o chamado plano complexo: a cada ponto do plano está associado um número complexo e cada número complexo tem seu lugar reservado nesse plano. Se, agora, você cria um método iterativo que, para cada número complexo inicial, lhe retorna um outro número complexo, você terá, aí, um processo recursivo. No caso de nossa fantástica aplicação financeira, não havia limite para o lucro. No entanto, no plano complexo, é possível imaginar iterações que restrinjam todos os valores obtidos a uma região limitada do plano complexo. Isso vai depender da constante (complexa) adicionada, em cada iteração (um real, no caso de nossa aplicação). Quando tratamos a iteração “novo complexo é igual ao quadrado do complexo anterior mais

uma constante”, todas as constantes para as quais o processo iterativo não diverge (não leva a valores cada vez mais altos para as partes real e imaginária do número complexo obtido), começando-se do zero, formam um conjunto que, no plano complexo, tem a forma de uma região limitada por um fractal. Trata-se do conjunto de Mandelbrot, a seguir esboçado.



IHU On-Line - Como se relacionam recursividade e repetitividade na criação dos fractais?

Paulo Mors - Todos os fractais são repetitivos no sentido de serem invariantes ante uma mudança de escala. A fotografia de uma pequena parte de um objeto fractal (redução de escala), se ampliada, apresenta-se exatamente igual ao todo (caso dos fractais ditos determinísticos) ou estatisticamente igual ao todo (caso dos fractais aleatórios). A recursividade é a propriedade de se poder construir matematicamente um fractal com algoritmos como o já citado para o caso do conjunto de Mandelbrot: um algoritmo recursivo, isto é, iterativo.

IHU On-Line - Que relações existem entre Teoria do Caos, Teoria dos Fractais e Teoria dos Sistemas?

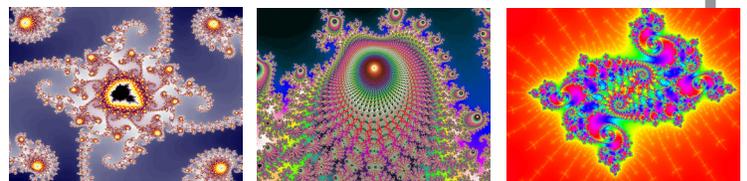
Paulo Mors - A Teoria de Sistemas trata dos conjuntos constituídos de partes que se inter-relacionam com um determinado objetivo e/ou função. Um sistema é

dito complexo quando não se resume simplesmente ao conjunto de elementos que o constituem, apresentando propriedades decorrentes da interação não linear entre as partes. Exemplos de sistemas complexos são a computação científica, o clima, a nanotecnologia, o funcionamento do sistema nervoso central. Quando, em um sistema complexo, seu comportamento varia fortemente com pequenas variações nos processos que o desencadeiam, tem-se um sistema caótico. Isso é muito evidente na meteorologia. Variações muito pequenas de condições climáticas atuais podem provocar grandes alterações futuras; daí, não ser possível se fazer previsões meteorológicas com muita antecedência. Sistemas complexos podem, dentro de certas condições, apresentar comportamento caótico. Uma condição necessária para isso é a não linearidade na relação entre as suas partes. A geometria fractal é um instrumento matemático extremamente importante ao se estudar sistemas caóticos. Os gráficos que os matemáticos utilizam para descrever o desenvolvimento de um sistema caótico, chamados atratores, apresentam a forma fractal. Essas figuras, com detalhes que se reproduzem independentemente da escala, retratam a forte dependência da evolução de um sistema caótico como função das condições iniciais.

Quem foi Mandelbrot?



Benoît B. Mandelbrot (Varsóvia, 20 de Novembro de 1924 – Cambridge, 14 de outubro de 2010) foi um matemático francês de origem judaico-polonesa. Seu principal trabalho foi a proposta de um novo conceito de geometria que ficou conhecida como geometria fractal. O objetivo desse novo conjunto de objetos foi minimizar as lacunas deixadas pela geometria Euclidiana no que diz respeito às formas existentes na natureza. Essa nova família de formas geométricas ficou conhecida como fractais. Um livro base para o estudo da geometria fractal foi escrito pelo próprio Mandelbrot, chamado *The Fractal Geometry of Nature* (1977). É autor de, entre outros, *Mercados financeiros fora de controle*. *A Teoria dos Fractais explicando o*



comportamento dos mercados (Rio de Janeiro: Elsevier, 2004); *A geometria fractal da natureza* (Lisboa: Gradiva, 1991) e *Objectos fractais* (Lisboa: Gradiva, 1991).

>> O falecimento de **Benoit Mandelbrot** foi divulgado pelas **Notícias do Dia** do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU:

- *Benoît Mandelbrot e a fractalidade do mundo*, publicada em 20-10-2010, disponível no link <http://bit.ly/aXmqb4>

Entrevistas da Semana

“Os direitos humanos são resultado das relações de poder”

Para Cecília MacDowell, desrespeitam-se a autonomia e a soberania de um país e todos os princípios de direito internacional em nome dos direitos humanos. Estes são inseparáveis da questão do poder. “É uma arma, ao mesmo tempo, para o bem e para o mal. Por isso que não se pode confiar plenamente nesse discurso dos direitos humanos. Não é a salvação”, afirma

POR GRAZIELA WOLFART, GREYCE VARGAS E MÁRCIA JUNGES

“**A**s violações de direitos humanos acontecem não só se estamos relacionando direitos humanos com biopoder, que são relações perpetradas pelo Estado, ou pelas instituições internacionais, mas também no dia-a-dia, por meio do desrespeito e do racismo, por exemplo. Essas são violações de direitos humanos que vamos ver em toda a parte”. A declaração é da professora Cecília MacDowell, da Universidade de São Francisco, Califórnia, EUA. Na entrevista que concedeu por telefone para a **IHU On-Line** ela afirma que, “se entendermos os direitos humanos como discurso e não apenas como norma, eles podem ser usados como instrumento tanto para defesa de direitos, de respeito à dignidade humana, à diferença, ao princípio de igualdade, como também podem ser utilizados com o mesmo discurso - o que é paradoxal - contra as pessoas, os indivíduos e contra esses mesmos valores, como foi o caso da invasão do Iraque”.

Cecília MacDowell Santos é professora no Departamento de Sociologia da University of San Francisco, Califórnia, EUA e é pesquisadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre em Direito, pela USP, e PhD em Sociologia, pela University of California, Berkeley, EUA.

É autora de *Women's Police Stations: Gender, Violence, and Justice in São Paulo, Brazil* (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005); e organizadora, com Edson Teles e Janaína de Almeida Teles, de *Desarquivando a Ditadura: Memória e Justiça no Brasil* (São Paulo: Hucitec, 2009); com Boaventura de Sousa Santos, Paulo Abrão Pires Júnior e Marcelo D. Torelly, de *Repressão e Memória Política no Contexto Ibero-Brasileiro: Estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal* (Brasília: Ministério da Justiça, 2010). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a relação que pode ser feita entre direitos humanos e biopoder?

Cecília MacDowell - Essa é uma pergunta difícil, porque eu não tenho estudado os direitos humanos a partir desta perspectiva do biopoder. Mas se partirmos de Foucault, de Agamben - que retoma Foucault e o expande - acho que, primeiro, temos que ver como se que se dão o exercício tanto do poder em diversos espaços da área social numa escala micro, assim como

também a forma como o Estado e outras instituições vão regulando a vida social. Porque a ideia do biopoder é de que não é apenas o Estado que controla, regula e normaliza a vida social e os indivíduos. Basta estendermos isso para as relações internacionais, por exemplo, onde há instituições como a ONU, o Banco Mundial, o FMI, o Mercosul, e há diversos instrumentos de normalização, normatização, regulação, que vão muito além do Estado. E do ponto de vista micro, no dia-a-

dia, as relações sociais são sempre relações de poder, já dizia Foucault. Então, nesse aspecto, as violações de direitos humanos acontecem não só se estamos relacionando direitos humanos com biopoder, que são relações perpetradas pelo Estado, ou pelas instituições internacionais, mas também no dia-a-dia, por meio do desrespeito e do racismo, por exemplo. Essas são violações de direitos humanos que vamos ver em toda a parte. Eu prefiro dizer que há relações entre direitos

humanos e poder, ao invés de biopoder. Os direitos humanos são resultado das relações de poder, de lutas. Se entendermos os direitos humanos como discurso e não apenas como norma, eles podem ser usados como instrumento tanto para defesa de direitos, de respeito à dignidade humana, à diferença, ao princípio de igualdade, como também podem ser utilizados com o mesmo discurso - o que é paradoxal - contra as pessoas, os indivíduos e contra esses mesmos valores, como foi o caso da invasão do Iraque. Em nome dos direitos humanos se invade, se desrespeita a autonomia, a soberania de um país e todos os princípios de direito internacional. Os direitos humanos são inseparáveis da questão do poder, seja biopoder, poder do Estado. É uma arma, ao mesmo tempo, para o bem e para o mal. Por isso que não se pode confiar plenamente nesse discurso dos direitos humanos. Não é a salvação.

IHU On-Line - Entendendo o biopoder como aquele que atua sobre os corpos, como ele exerce poder sobre o conceito e o cumprimento dos direitos humanos?

Cecília MacDowell - Eu entendo o biopoder atuando sobre os corpos, como diz Foucault em *Vigiar e Punir*. Porém, o sentido que ele dá também é esse do poder estar em toda a parte, de haver essa normalização cotidiana e institucional disciplinar incidindo sobre toda a vida humana, sobre o ser, o sujeito, corpo e mente. Historicamente, tem havido quase que uma hegemonia desse discurso para a defesa da liberdade, da igualdade, do respeito. Eu não gosto muito de pensar de maneira progressista, linear, como se houvesse estágios de desenvolvimento dos direitos humanos. Mas, sem dúvida, a partir da segunda guerra mundial, as normas internacionais de direitos humanos foram se multiplicando. E os instrumentos de proteção também parecem mais consolidados se compararmos os anos 1970 com os anos 1990 e mais recentemente com os anos 2000. A atuação do sistema interamericano de direitos humanos teve um avanço. Se bem que também há muitas contradições ainda nesse sistema, que depende dos

“A tecnologia não resolve as questões éticas. E o avanço tecnológico não resolve as questões de poder”

estados. Além disso, esse discurso de direitos humanos e essas normas sempre são inclusivas e excludentes. Elas incluem o reconhecimento de direitos e de sujeitos, como também excluem. Por exemplo, no caso de violência contra as mulheres. É um assunto importante para a discussão do biopoder, que é um controle sobre o corpo das mulheres e é um controle que se dá tanto no espaço doméstico, íntimo, como em outros espaços, como a comunidade e o mercado de trabalho. Essas normas de direitos humanos parecem ter um maior reconhecimento da questão, do problema. Esse foi um avanço. Mas, por outro lado, a prática ainda é um grande desafio.

IHU On-Line - Quais são as mobilizações jurídicas e transnacionais que estão sendo realizadas na defesa dos direitos humanos?

Cecília MacDowell - Essas mobilizações refletem e fazem parte de um movimento amplo que vem acontecendo desde os anos 1990, levado a cabo pelos defensores de direitos humanos. São mobilizações que acontecem sempre a partir do local e depois elas vão se transnacionalizando. E os instrumentos têm que ser vistos concomitantemente com os avanços que têm acontecido na criação de novas normas e no fortalecimento das instituições de proteção de direitos humanos. É um caminho de pressão sobre o estado, de pressão sobre os violadores dos direitos humanos. A sociedade civil, aliada às vezes com instituições do Estado, tem tentado utilizar o direito para isso, por isso a mobilização do direito. É sempre uma mobilização política do direito, com objetivos não apenas de reparar um dano individual, mas de promover mudanças mais amplas. No Brasil, várias ONGs estão

envolvidas nesse movimento, vários ativistas, não só na área de direitos humanos, como também grupos feministas.

IHU On-Line - No Brasil, quais são as estratégias que a senhora acha que são tomadas no combate às violações dos direitos humanos?

Cecília MacDowell - Uma delas é a litigância, o uso do direito nos tribunais, encaminhar os casos à denúncia, junto às instituições judiciais e jurídicas. Mas também há outras estratégias de denúncia, não só jurídicas propriamente, como enviar cartas para a ONU, chamar representantes do comitê de direitos humanos da ONU para fazer visitas *in loco*, para ver a situação e expor o Brasil. Isso é uma estratégia. Ou então fazer campanhas, na mídia, de mobilização e de sensibilização. Essa é uma estratégia menos utilizada porque também requer recursos. Mas, mesmo assim, os movimentos sociais conseguem criar um jornal. Só que não tem, claro, a mesma repercussão que um grande conglomerado de mídia tem. Outra estratégia é a mobilização popular, fazer um trabalho de base com a população. Por exemplo, os cursos de promotoras legais populares é uma estratégia através da educação em direitos humanos, numa perspectiva de gênero.

IHU On-Line - Como podemos compreender o paradoxo de que os direitos humanos continuam sendo desrespeitados numa sociedade que é cada vez mais desenvolvida tecnicamente e a problemática em sua ética?

Cecília MacDowell - É um paradoxo mesmo. Para mim, mostra que a tecnologia não resolve as questões éticas. E o avanço tecnológico não resolve as questões de poder. Está provado isso. Vemos que a violência contra as mulheres não diminuiu com todo esse avanço tecnológico, com os computadores, com a comunicação instantânea, que é algo espetacular, que veio facilitar e muito a nossa vida. Mas a ética, a política, são temas que já fazem parte das relações humanas e que não podem ser resolvidos pela ciência e pela técnica. É por isso que é tão importan-

“As relações sociais são sempre relações de poder”

te a filosofia, a ética, as humanidades, as ciências sociais, para que possamos refletir e atuar sobre os problemas que não são resolvidos de maneira tecnológica. Eu não sou pessimista de dizer que a natureza humana não tem solução. Mas não é uma questão biológica, é uma questão social. Uma das condições para tentar melhorar a situação no mundo e no Brasil também é diminuir a desigualdade econômica. Essa é uma questão fundamental. Não é só melhorar um pouco a vida dos pobres através da Bolsa Família, que é uma medida boa, mas tem que haver uma redistribuição. Porque o nível de desigualdade é uma injustiça. Temos que ter coragem para fazer redistribuição. É uma questão ética e política. Não é tecnológica. Está aí o paradoxo.

SIGA O IHU
NO TWITTER

http://twitter.com/_ihu

Dicionários de Montoya: registros singulares

Para a historiadora Graciela Chamorro, a língua guarani é um fenômeno histórico-cultural que se desenvolve com novidades e permanências de cada geração

POR MOISÉS SBARDELOTTO E PATRICIA FACHIN

Ao analisar os dicionários do jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, a historiadora Graciela Chamorro diz que o autor “tinha em vista mostrar que a língua guarani era uma língua tão boa como o latim e o grego, capaz de expressar com propriedade o que os missionários precisavam ensinar em sua missão”. Segundo ela, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line, Montoya também tinha um fim prático: “produzir um material (didático) para seus colegas de missão aprenderem a língua da terra, para se comunicarem com os povos da terra”.

Para a pesquisadora, a qualidade dos registros de Montoya “é singular, pois ele parece ter-se interessado mais do que um missionário comum se interessa pela cultura dos povos que quer converter, transformar”.

Graciela Chamorro participou do XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira: território, cultura e identidade, com o minicurso O feminino e o corpo nos léxicos de Montoya.

Ela cursou mestrado em História pela Unisinos. É doutora em Antropologia, pela Philipps-Universität, na Alemanha, com a tese *Aporte Lingüístico para uma história e etnografia do corpo nos povos guarani*; em Teologia, doutorou-se pela Escola Superior de Teologia - EST, em São Leopoldo, com a tese intitulada *Papa tapia rete marangatu* (que os nossos corpos tenham sempre algo bom para contar): a experiência religiosa guarani como ato de dizer-se. Fez pós-doutorado em Romanística, na Universidade de Münster, Alemanha. Atualmente é professora de História Indígena na Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em sua opinião, qual o significado e a riqueza dos dicionários do jesuíta Antonio Ruiz de Montoya¹ para a compreensão da cultura e da civilização guarani?

1 Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652): padre jesuíta e linguista peruano, um dos pioneiros nas missões do Paraguai. Ingressou na Companhia de Jesus em 11 de novembro de 1606. Foi ordenado em Santiago del Estero em fevereiro de 1611. Foi superior das missões entre 1636 e 1637, e procurador na Europa, em 1639. Escreveu alguns clássicos para o estudo das missões indígenas da Companhia no Paraguai, entre elas: *Conquista Espiritual* (1639), *El tesoro de la lengua guarani* (1639) e *El arte y vocabulario y el catecismo*. No Peru existe a Universidade Antonio Ruiz de Montoya. (Nota da IHU On-Line)

Graciela Chamorro - Sobretudo por serem documentos da língua indígena que, no vocabulário, é língua de destino e, no Tesoro da língua guarani (*thesaurus*)², língua de entrada. O autor tinha em vista mostrar que a língua guarani era uma língua tão boa como o latim e o grego, capaz de expressar com propriedade o que

2 Do latim *thesaurus*, é uma espécie de dicionário que lista palavras com significados semelhantes, todas dentro de um domínio específico, geralmente. O dicionário Aurélio diz ser uma lista (ou um dicionário) de palavras relacionadas semanticamente entre si, as quais cobrem um ramo específico de conhecimento. (Nota da IHU On-Line)

os missionários precisavam ensinar em sua missão. Montoya também tinha um fim prático: produzir um material (didático) para seus colegas de missão aprenderem a língua da terra, para se comunicarem com os povos da terra. Se entendemos que a língua é um dos principais registros do pensamento e do modo de vida dos povos, dicionários, especialmente Tesoros, não são só uma lista de palavras e frases. Eles são registros da vida dos grupos que falam ou falaram a língua registrada. No caso dos léxicos de Montoya, a qualidade desse registro é singular, pois ele parece ter-se interessado mais do que um missionário comum se interessa pela cultura dos povos que quer converter, transformar. Os dados contidos na sua obra cobrem, com exceção da religião indígena, praticamente o inventário que um etnógrafo ou etnógrafa busca coletar em campo.

IHU On-Line - Que aspectos centrais sobre os costumes e o pensamento dos guarani acerca do corpo transparecem do vocabulário de Montoya? Como esses aspectos se confrontam com a visão europeia sobre o corpo?

Graciela Chamorro - Transparecem especialmente os aspectos da cultura e ideologia corporal relativos aos fenômenos biológicos, como nascer, crescer, reproduzir-se, adoecer, ser curado e morrer; além das partes do corpo, da percepção de seu funcionamento e sua associação com sentimentos e estados anímicos. Transparece também o corpo em sua capacidade expressiva: formas de andar, habilidades e dificuldades corporais, disposições físicas, etc. No âmbito da subsistência e das relações sociais, sobre o corpo também convergem uma série de informações.

A respeito do confronto com a visão europeia sobre o corpo, o jesuíta projeta, no que concerne - por exemplo - à sexualidade os valores vigentes então na Europa católica, julgando os costumes indígenas por esses valores.

“A partir da etnografia contemporânea, podemos dizer que um dado válido para todos os povos indígenas guarani falantes é a centralidade da sua reflexão sobre o conceito-existência ‘palavra’, que é ‘voz’, ‘alma’ e ‘dizer humanos’, mas também a metáfora para Deus e seus dizeres”

No caso das práticas terapêicas das doenças, a ideologia e o tratamento não diferiam muito dos da Europa.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre feminino e corpo na língua guarani a partir da leitura de Montoya? Como os grupos guarani compreendem o erótico e o sexual?

Graciela Chamorro - Montoya foi um homem de seu tempo. Sendo assim, em trinta e dois dos mais de sessenta exemplos relativos à mulher, ela é reduzida à esfera sexual e, nos exemplos onde ela é associada ao âmbito produtivo sua condição, é a de uma subalterna. Em outros exemplos, do termo mulher é derivada a expressão que traduz “pecado carnal” para a língua indígena. Já para o termo homem em guarani, é usado para traduzir “ressurreição” e algumas “virtudes”, entre elas a de valentia.

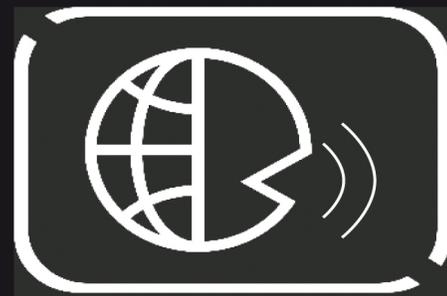
Como os povos guarani entendiam o erótico e o sexual podemos inferir a partir dos muitos juízos negativos feitos sobre seus costumes pelos jesuítas. Para estes, a conversão dos homens indígenas equivalia muitas vezes à sua monogamização. Aparentemente, as práticas mal vistas pelos missionários eram hábitos já comuns para a população indígena. A enorme quantidade de expressões em guarani relativas às práticas erótico-sexuais - que vão desde as que indicam o carinho entre duas pessoas envolvendo os cinco sentidos ao homossexualismo praticado por homens e mulheres, da gravidez ao parto e ao aborto - são testemunhas da existência dessas práticas nas populações indígenas.

IHU On-Line - Em termos antropológicos e teológicos, como a língua guarani moldou e molda a cultura do povo guarani e vice-versa?

Graciela Chamorro - A partir da etnografia contemporânea, podemos dizer que um dado válido para todos os povos indígenas guarani falantes é a centralidade da sua reflexão sobre o conceito-existência “palavra”, que é “voz”, “alma” e “dizer humanos”, mas também a metáfora para Deus e seus dizeres. Dessa palavra brota a antropocosmo-teologia guarani. Os seres humanos e os outros seres (que no princípio eram também humanos) são seres de palavra. Eles têm alma. Eles são dotados de um impulso divino inicial para se desenvolverem e plenificarem, de acordo com aquilo que eles estão destinados a ser. O discurso indígena e a tradição oral que estão na base desta compreensão estão gravadas e são atualizadas por cada nova geração obviamente na língua de cada grupo guarani falante. Esta língua por sua vez é em si mesma um fenômeno histórico-cultural que se desenvolve com as novidades e as permanências de cada geração.

Participe dos eventos do IHU. Informações em

www.ihu.unisinos.br



Ciência e práticas de pesquisa na contemporaneidade

POR ANDRES KALIKOSKE*

Desde que a ciência se desmembrou da filosofia, pesquisadores de diversas áreas têm se questionado sobre a fronteira existente entre ciência e conhecimento. A partir da metafísica e da lógica do empirismo, desenvolveu-se a epistemologia, disciplina capaz de esclarecer a genealogia científica, assim como as estruturas e métodos que legitimam os saberes hoje institucionalizados. Dotada de caráter flexível e transdisciplinar, a epistemologia se aprofundou nos conhecimentos lógicos, linguísticos, sociológicos e ideológicos. Na contemporaneidade, se pode dizer que os processos científicos enfrentam uma dúbia realidade. Por um lado, há o desbravamento dos fenômenos a partir de preceitos metodológicos, aliados à formação cognitiva do pesquisador, que elevam a ciência ao posto de atividade fundamental para se compreender o mundo moderno. Mas por outro, o tecnicismo ainda pulsa intensamente nas instituições de ensino superior, vigorando um espírito questionador sobre a pesquisa científica. Em áreas de forte cultura do profissionalismo, estudantes acreditam que o saber pode ser reduzido à técnica, desconsiderando que, sem pesquisa, essa mesma técnica não avança e o conhecimento se estanca.

No entanto, não se deve elevar à ciência a competência de resolver integralmente os problemas da socie-

dade. Este é um pensamento ainda corriqueiro em diversas comunidades científicas. Frente ao entendimento de que o modo de produção capitalista utiliza forças produtivas para transformar insumos em produtos, as práticas da atividade científica também devem ser analisadas neste âmbito. Entendido de outra maneira, a persuasão do capitalismo enquadrou também a ciência em sua lógica. A farmacologia é um exemplo, através de sua incansável busca por *royalties*. Ainda que os benefícios de seu desenvolvimento sejam inquestionáveis para a humanidade, seu número de externalidades negativas também é crescente.

A partir da identificação de paradigmas dominantes como a mecânica newtoniana, os modelos ptolomaico e copernicano de astronomia e as teorias do flogisto e oxigênio, o físico norte-americano Thomas Kuhn defendeu sua tese sobre a incomensurabilidade. Nesse momento, estabeleceu os fundamentos para uma trajetória científicista do conhecimento. Algo similar às ideias que Saussure e seu legado trouxeram para o desenvolvimento da linguística. Rupturas epistemológicas desse nível assinalam que toda mudança paradigmática resulta numa elevada transformação no clima intelectual de uma época. Ainda que confrontos internos também

* Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação na Unisinos.
Contato: <kalikoske@hotmail.com>.

possam ser projetados, esses saberes mantêm relação direta com o conhecimento tácito, ou seja, uma espécie de *know-how* específico, compartilhado no âmago de um grupo. No entanto, a dinâmica vertical do compartilhamento de teorias, ou seja, entre membros específicos, pode se tornar numa fonte inesgotável de estagnação do saber. É por este motivo que as pesquisas que utilizam uma corrente singular de autores se deparam com a impossibilidade de contemplar as múltiplas facetas do fenômeno que estão analisando. Uma alternativa que eleva a importância desses trabalhos é a utilização de métodos cruzados, dotados de inovação; ou a introdução de saberes advindos do conhecimento popular, ainda carente de subsídio científico.

A subutilização das práticas de pesquisa representa um enorme problema ao âmbito acadêmico. Ocorre quando o paradigma compartilhado por membros de uma disciplina ou campo passa a ser reproduzido aleatoriamente, com baixo grau de reflexão e de maturidade. Essa dinâmica pode ainda acontecer propositalmente, através de pesquisas cujo objetivo único é somar quantitativamente ao currículo do pesquisador (um bom exemplo é a publicação de ensaios travestidos de artigos científicos, onde o desbravamento do objeto-análise e o rigor teórico-metodológico são postos em segundo plano). Em último caso, pode ocorrer também ingenuamente, quando, por imaturidade, um estudante

“Uma vez que o conhecimento avança através da renovação dos saberes, o incentivo às práticas de pesquisa deve ser o dever de todos os docentes”

reaplica fórmulas empregadas por seu mestre.

Uma vez que o conhecimento avança através da renovação dos saberes, o incentivo às práticas de pesquisa deve ser o dever de todos os docentes. Mesmo estudantes de graduação, que se encontram em fase de formação, devem ser incentivados ao registro de suas investigações. Emblemático para exemplificar a importância do registro científico, o filósofo e matemático ateniense Platão figura como responsável por registrar e organizar as primeiras ocorrências da humanidade, através de descrições, explicações e predizes sobre os fatos. Posteriormente, as dinâmicas que provocaram tais incidências foram mais facilmente previstas, a partir da cronologia como modo de antecipar outra realidade. Ainda que as contribuições de seu mestre Sócrates sobre justiça, amor e virtude (sendo esta última entendida como sinônimo

de conhecimento e algo que pode ser ensinado) tenham sido inovadoras, tal pioneirismo partiu de Platão. Em seus relatos, que acabaram por servir de alicerce para as filosofias natural e ocidental, é constante a presença de Sócrates ensinando filosofia voluntariamente à população de Atenas. Parte de Platão, ainda, a fundação da Academia de Atenas, instituição de educação superior do mundo ocidental. Um primeiro caso de institucionalização do conhecimento que se tem notícia e que passa a efervescer o conhecimento adquirido, ora registrado, passível de ser avaliado e validado por gerações futuras.

Aos estudantes, a ciência pode ser explicada como a abstração dos conhecimentos empíricos, aplicáveis a estruturas dinâmicas e universais. Não obstante, a atualização de conceitos clássicos - a partir de objetos contemporâneos que os interesses - se constitui na mais elevada contribuição para a gestão do trabalho científico. Não se trate de mera renovação de conteúdos ou replicação de metodologias, mas do implemento de uma racionalidade que possibilite aos estudantes apreender e compreender sua existência, de modo que se tornem, a partir dessa integração, agentes interventores em seu espaço. O desafio posto aos docentes é de formar indivíduos capazes de compreender e lidar com imprevistos e mudanças, sabendo enfrentar com maturidade os problemas fundamentais de seu tempo.



Ouçá o programa!

Sexta 20h
Domingo 21h

PERISCÓPIO DA MÍDIA
Unisinos Fm 103.3

periscopiodamidia@gmail.com

A indústria da Comunicação
Social de cabeça para baixo

Fone: 3591.1122
Ramal:1356



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 25-10-2010 a 01-11-2010.

“A campanha da Marina foi sustentada pela grande imprensa”

Entrevista com Mario Maestri, historiador

Confira nas Notícias do Dia 25-10-2010

Disponível no link <http://bit.ly/aoJIRv>

Para compreender o resultado das eleições deste ano e para onde vai o segundo turno, Mario Maestri partiu do contexto local e analisa sobre o que levou Tarso ao governo ainda no primeiro turno.

Mídia, política e religião: possibilidades e limites

Entrevista com Pedrinho Guareschi, sociólogo

Confira nas Notícias do Dia 26-10-2010

Disponível no link <http://bit.ly/a1wP1J>

“As igrejas são instituições que tentam, na medida do possível, comunicar, transmitir as ‘mensagens’ das diferentes religiões. Mas as igrejas são apenas ‘embalagens’, e nenhuma ‘embalagem’ dá conta de transmitir toda a mensagem”, diz Pedrinho Guareschi.

As eleições e a cruzada moral de católicos e evangélicos

Entrevista com Ricardo Mariano, cientista social

Confira nas Notícias do Dia 27-10-2010

Disponível no link <http://bit.ly/9eZX4A>

Evangélicos e católicos entram na disputa das eleições presidenciais deste ano. Dentro dessas duas formas de religiosidade cristã, há quem defenda Dilma e há quem defenda Serra.

“A pior forma de desrespeitar uma criatura é coisificá-la como algo comestível”

Entrevista especial com Carlos Naconecy, filósofo

Confira nas Notícias do Dia 28-10-2010

Disponível no link <http://bit.ly/d1N7ks>

“A ética animal tem que conseguir se alçar como um campo de reflexão legítimo, constituir-se dentro e fora

da academia”. Naconecy fala sobre os principais conflitos que o conceito de ética animal vive atualmente e sobre como a bioética pode ser compreendida a partir da relação homem/animal.

Radiação nuclear. Caetité pede atenção

Entrevista com Zoraide Vilas Boas, presidente da Associação Movimento Paulo Jackson

Confira nas Notícias do Dia 29-10-2010

Disponível no link <http://bit.ly/aQxiu4>

Localizada a 750 quilômetros de Salvador (BA), Caetité vive as consequências da exploração de uma mina de urânio na cidade que tem rendido problemas como o aumento do custo de vida e, ainda, contaminação da água da qual 46 mil pessoas utilizam diariamente.

“Derrotar o Serra nas urnas e depois a Dilma nas ruas”

Entrevista especial com Ivo Lesbaupin, sociólogo

Confira nas Notícias do Dia 30-10-2010

Disponível no link <http://bit.ly/dBh4HS>

De acordo com Lesbaupin, “pelo menos durante duas ou três semanas do segundo turno, cada candidato disputou quem era mais religioso e quem era religioso há mais tempo”. Apesar de manter a política neoliberal, e privilegiar a população rica, o PT não deixou de atender aos pobres.

Dilma é eleita a primeira presidenta do Brasil

Entrevista especial com Maria Izabel Noll, cientista política

Confira nas Notícias do Dia 01-11-2010

Disponível no link <http://bit.ly/a7crhZ>

Dilma Rousseff assume a presidência do Brasil a partir do primeiro dia do próximo ano. Já comparada a mulheres como Hillary Clinton e Angela Merkel, Dilma venceu José Serra com pouco mais de 56% dos votos válidos e, em seu primeiro discurso depois de eleita, afirmou que fará um governo transparente, sem chance para a corrupção. Para Noll, Dilma tem um perfil diferente dos presidentes que tivemos até o momento.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

LULISMO: DA ERA
DOS MOVIMENTOS SOCIAIS À ASCENSÃO
DA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA
(LANÇAMENTO DO LIVRO)

PROF. DR. RUDÁ RICCI -

PUC - MINAS

DATA: 4-11-2010

SALA IGNACIO ELLACURÍA E COMPANHEIROS - IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

**CICLO DE PALESTRAS:
PERSPECTIVAS SOCIOAMBIENTAIS
E ECONÔMICAS DO BRASIL
2010 - 2015. LIMITES
E POSSIBILIDADES**

PROF. DR. RUDÁ RICCI (PUC - MINAS)

O PROTAGONISMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

DATA: 4-11-2010

WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU Repórter

Débora Barbosa Bauermann

POR PATRÍCIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Capixaba de nascimento e filha de uma gaúcha e um catarinense, a psicóloga Débora B. Bauermann vive no Rio Grande do Sul há 13 anos e, há sete, trabalha na universidade. Logo após iniciar a graduação em Psicologia, em 2001, Débora começou a participar do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo - Gdirec, juntamente com a professora Adevanir Aparecida Pinheiro e o Pe. José Ivo Follmann, desenvolvendo atividades e serviços que proporcionam condições e espaços de diálogo entre as múltiplas crenças religiosas presentes na região. E hoje atua no Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas - Neabi, que desenvolve projetos com a temática da educação das relações étnico-raciais. Na entrevista a seguir, concedida à *IHU On-Line*, Débora conta sua trajetória na universidade e propõe reflexões sobre temas como o racismo, o qual ainda não foi superado pela sociedade brasileira. Confira.



DÉBORA COM OS IRMÃOS

Origens - Sou capixaba. Nasci no Espírito Santo, mas moro no Rio Grande do Sul há 13 anos. Minha mãe chama-se Zair e é gaúcha e meu pai chama-se Wili e é catarinense. Eles se conheceram em São Leopoldo, quando meu pai estudava Teologia, e mudaram para o Espírito Santo quando ele precisou fazer o estágio do curso. Nesta época, minha mãe já havia concluído o curso em Pedagogia. Eles sempre foram engajados com os movimentos sociais, com o PT e minha mãe com o cooperativismo e economia solidária. Envolvendo-se com a militância, meu pai desistiu do estágio e resolveu ser metalúrgico. Ele concluiu o curso há cinco anos e hoje é pastor da IECLB.

Sou a filha do meio. Tenho um irmão com 29 anos, o Fabrício, que é professor de Educação Física no município e é casado com a Emílie; eu tenho 27; e a irmã mais nova, Aline, que estuda Educação Física na Unisinos, tem 23 anos. Nasci em Vitória, mas parte da infância vivi em Manguinhos, em um balneário de pescadores, vivendo mais próximo da natureza, da praia. Estranhei o clima do Sul. Passam os anos e acho que não vou me adaptar ao frio, prefiro o calor.

Vivi lá até os 14 anos, quando meus pais se separaram. Em função disso, minha mãe decidiu retornar para o Rio Grande do Sul porque toda a família dela morava neste estado. Desde então, moro em São Leopoldo com minha mãe, minha irmã e minha avó materna.

Estudos - Estudei no Colégio São Luis. Minha mãe desenvolvia trabalhos sociais na instituição e minha irmã e eu ganhávamos bolsa parcial para estudar. Prestei vestibular com 17 anos e ingressei no curso de Psicologia da Unisinos, em 2001.

Trajetória na universidade - Como eu não tinha condições de pagar o curso, durante um bom tempo cursava uma ou duas disciplinas por semestre. No segundo ano, conheci a professora Adevanir Pinheiro (Deva, como a chamamos). Comecei a trabalhar com a pesquisa que ela e padre José Ivo *Follmann* coordenavam. Transcrevia questionários da pesquisa sobre o mundo das religiões. Assim, comecei a me inserir no projeto, passei a ser estagiária e a fazer cadastramento dos locais de cultos religiosos, fazendo algumas

entrevistas com lideranças religiosas. Depois fui bolsista de iniciação científica do Pe. José Ivo, numa pesquisa ligada ao PPG de Ciências Sociais, intitulada Contribuições das Grandes Religiões para uma Fundamentação Ética e Orientação das Políticas Sociais no Mundo Contemporâneo. Neste período já participava das reuniões do Grupo Inter-Religioso de Diálogo, ao qual sou muito grata a cada um dos líderes religiosos que compõem o grupo pelos aprendizados que tive junto a eles. Acompanho também, desde a origem, juntamente com a profa. Deva, o Grupo de Cidadania e Cultura Religiosa Afrodescendente na universidade, que é um grupo de convivência aberto à comunidade externa, onde compartilhamos histórias de vida e também estudamos a respeito das relações étnico-raciais, buscando a valorização da identidade negra.

Concluí o curso em janeiro e fico avaliando minha trajetória na universidade, a qual diz muito do que eu sou hoje enquanto pessoa e profissional.

Acho que seria importante os estudantes terem a vivência de estágio nos projetos sociais da universidade. A ex-



periência que eu tive de participar de projetos sociais na unisinos, me deu outra perspectiva profissional. Principalmente porque na psicologia trabalhamos pouco com esses dois temas que nos atravessam enquanto sujeitos e nos subjetivam: a dimensão da religiosidade e a dimensão étnicorracial. Vejo que ainda é um tabu falar desses dois temas na academia - embora alguns aspectos já tenham sido superados.

A questão racial foi tema do meu trabalho de conclusão, a partir da vivência que tive junto ao Grupo de Cidadania Afro. Pesquisei como os psicólogos percebem as relações étnicorraciais no cotidiano do trabalho e também as suas experiências enquanto brancos. O branco pouco se coloca no debate do racismo. Enquanto negarmos sua existência, será impossível iniciar um diálogo e produzir mudanças nessa situação.

Racismo - Fui educada em um ambiente em que todos se diziam abertos para questões sociais e étnicorraciais e, de fato, sempre me vi assim. Mas quando comecei a participar do grupo de cidadania afro, que realiza encontros todas as sextas-feiras, na universidade, fui me dando conta da minha identidade. Percebi como esses preconceitos fazem parte da nossa sociedade, fazem parte da gente, ainda que inconscientemente.

Às vezes, achamos que o racismo irá se manifestar de uma forma clara: gosto ou não gosto de negros. A questão está além disso. Temos de conseguir perceber a situação de uma forma macro, considerando questões políticas e

econômicas e, a partir disso, compreender a situação dos negros e brancos na sociedade. Quantos negros existem na universidade? Temos de nos questionar sobre as coisas que estão naturalizadas. Não perceber a presença/ausência do negro em alguns setores sociais é uma forma de negar a sua existência e legitimar o mito da democracia racial.

Religião - Quando iniciei as atividades no programa de diálogo inter-religioso, disse para a professora Deva que eu não tinha religião, pois pensei que teria que ter uma identidade religiosa pra trabalhar no projeto, mas sempre fui bem acolhida como “sem religião”. Mesmo sem ter uma religião naquele período, sempre busquei ter uma espiritualidade, que pra mim sempre esteve voltada para o contato com a natureza e para uma prática ética e de respeito à vida em todas as suas manifestações, independente de denominação religiosa.

No Grupo Inter-religioso de Diálogo, tive a oportunidade de conhecer várias religiões e, aos poucos, fui me identificando com algumas. Conheci o *Santo Daime, uma religião que logo de início me encantou por sua simplicidade e por ser uma doutrina musical. Aos poucos fui me aproximando e conhecendo mais e hoje é a religião que pratico.*

Lazer - Gosto de cinema e de dançar. Nos momentos de lazer gosto de encontrar os amigos, viajar e estar próximo à natureza, próximo ao mar.

Planos - Eu e mais sete colegas psicólogos estamos abrindo uma clínica em Sapucaia do Sul, cidade da região metropolitana de Porto Alegre-RS. Estamos com esta perspectiva de trabalho paralelo com

outros trabalhos. Pensamos em fazer uma abordagem mais aberta, trabalhar com atendimentos individuais, com Acompanhamento Terapêutico (AT), com grupos e em parceria com as escolas e outras instituições. Nosso desejo é que se constitua também como um espaço cultural, com oficinas, saraus, discussão de filmes, dentre outras atividades.

Sonhos - Um dos meus sonhos já está concretizado na universidade: o trabalho com a educação das relações étnicorraciais. Desejo que esse projeto continue crescendo e tendo mais engajamento da comunidade externa e acadêmica para que um dia consigamos ver a universidade mais colorida e condizente com a realidade brasileira onde praticamente a metade da população é negra.

Livro: *Crônica da Casa Assassina*, de Lúcio Cardoso.

Autor: Clarice Lispector.

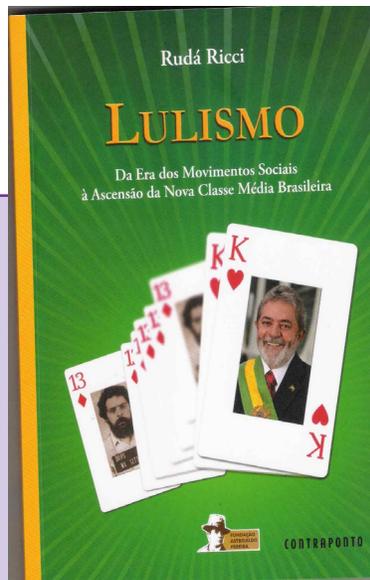
Filme: *Gritos e Sussurros*, de Ingmar Bergman.

Unisinos - A universidade passou por uma crise financeira e hoje percebo que está se resgatando os valores da missão jesuíta e a importância dos projetos sociais. Vejo essa interface da universidade com a comunidade como uma riqueza e, no momento em que essa relação for ampliada, a universidade tende a crescer e ser um espaço ainda mais rico.

IHU - Vejo o IHU como um microcosmo da universidade; é um polo irradiador de novas idéias. Mesmo trabalhando na universidade, não consigo acompanhar todas as atividades, de tão intensas que são. O IHU Idéias sempre discute temas diferentes e a revista tem uma produção semanal, isso mostra que o IHU repercute temas de ponta. O Instituto poderia ficar ainda mais rico se fosse possível estabelecer uma relação maior com os projetos sociais.

Destaques

Da era dos movimentos sociais à ascensão da nova classe média brasileira O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove o **Ciclo de Palestras: perspectivas socioambientais e econômicas do Brasil 2010 - 2015. Limites e possibilidades**. O Prof. Dr. Rudá Ricci, da PUC-Minas, participa desse evento na próxima quinta-feira, 04-11-2010, na Sala Ignacio Ellacuria e Companheiros - IHU, às 20h, falando sobre o protagonismo dos movimentos sociais. No mesmo dia, o sociólogo também participa do IHU Ideias, às 17h30min, onde fará o lançamento do livro *Lulismo: Da Era dos Movimentos Sociais À Ascensão da Nova Classe Média Brasileira*. Mais informações na página do IHU (www.ihu.unisinos.br).



IHU Contracapa



Livro digital

Os textos das mesas-redondas e minicursos apresentados no XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira: território, cultura e identidade, que ocorreu na semana passada, entre os dias 25 e 28-10-2010, estão reunidos no livro eletrônico do evento e disponível para download no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br)

E-book do XI Simpósio Internacional IHU

Foi lançado o e-book do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. O referido livro digital reúne textos apresentados por especialistas de diversas áreas de pesquisa científica, em minicursos simultâneos, comunicações e pôsteres apresentados durante o evento realizado na Unisinos de 13 a 16 de setembro. Para ler, basta acessar o sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) e clicar no ícone entre as publicações, no final da página.



Siga o IHU no  (http://twitter.com/_ihu)

E também no  (<http://bit.ly/ihufacebook>)



Apoio:

